



ANTOLOGIA

PETS

*contos e poemas sobre
animais de estimação*

ADEMIR PASCALE
organizador

Selo Conexão Literatura



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-47046-8

2022

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- GATINHANDO, POR ALEH CARMO, PÁG. 05
ZOOTERAPIA, POR BEL WELLS, PÁG. 07
CÓ, POR IVETE ROSA DE SOUZA, PÁG. 09
A FUGA DA CÓ, POR IVETE ROSA DE SOUZA, PÁG. 12
O GATO, POR LILIAN FERRAZ, PÁG. 16
UM CACHORRO ESPECIAL, POR MARIA NETA DE SOUSA DIAS VIEIRA, PÁG. 18
A LIÇÃO DO RATO - PARTE I E II, POR MARÍLIA GABRIELA MASSETTO, PÁG. 20
A LIÇÃO DA CORUJA - PARTE I E II, POR MARÍLIA GABRIELA MASSETTO, PÁG. 27
OS FELINOS - PARTE I E II, POR MARÍLIA GABRIELA MASSETTO, PÁG. 35
AS PITCHUQUINHAS ATACAM DE MADRUGADA!, POR MAURO M. MASSUDA, PÁG. 44
AMIGO, POR PAULO JP RESENDE, PÁG. 50
MICO MEU, POR ARNALDO CHAGAS, PÁG. 52
MINHA GATA MIMOSA, POR PEDRO VERÍSSIMO DA SILVEIRA, PÁG. 57
MEU GATO AZEVICHE, POR PEDRO VERÍSSIMO DA SILVEIRA, PÁG. 59
UMA GATINHA CHAMADA MEL - PARTE I E II, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 62
MEU MIADO INTERIOR, POR SUELI KELLEN FIJIMOTO GIROTTO, PÁG. 78
BACALHAU, POR SUELI KELLEN FIJIMOTO GIROTTO, PÁG. 84
QUERIDO THOFF BRANCO, POR SUZANA PACHECO, PÁG. 89
PURA ALEGRIA, POR WANDA ROP, PÁG. 93
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 95



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA







APRESENTAMOS O POEMA

GATINHANDO

POR ALEH CARMO

SOBRE A AUTORA: NATURAL DE SÃO CARLOS, INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO. PROFESSORA E MÃE DE TRÊS FILHOS ADULTOS.

MAS, ALÉM DE TUDO ISSO, MÃE DE TRÊS BICHANOS MUITO LINDOS E AMADOS. ESCREVE DESDE A INFÂNCIA, PORÉM HOJE ACREDITA QUE AS PALAVRAS E SENTIMENTOS NECESSITAM DE CONEXÃO VERDADEIRA. O AUTOR DE SUAS PALAVRAS, NÃO PODE SEGUIR CAMINHO INVERSO A ELAS.

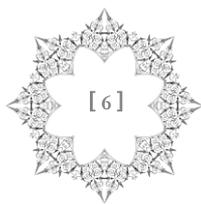


O encantamento
Vem dos seus olhos felinos
Que resignificam
O verdadeiro amor.
Todas as minhas misérias
Escoam no seu chamego
Suave como sua cor.

Gatinhando sobre mim
Com elegância e perícia
Equilibra suas patas
E massageia minhas energias.
Zomba das minhas preocupações
E deita-se preguiçosamente
Ao sabor do sol e da brisa.

Ronronando ao meu redor
O bichano faz total exigência:
Atenção e prioridade,
Apenas quando assim deseja!
Brinca, pula, corre e se esconde
Só para observar de longe
O meu desespero à sua ausência.

Miando aos meus pés
Conversa comigo
Uma linguagem tão única
Que conforta meu coração.
Faz-me olhar pequenas coisas
Admirar sombras e luz
Aconchegar-me em seu carinho
E ser verdadeiramente feliz.





APRESENTAMOS O POEMA

ZOOTERAPIA

POR BEL WELLS

SOBRE A AUTORA: PEDAGOGA, PROFESSORA, NASCIDA EM JUIZ DE FORA, MG. AOS 6 ANOS MUDOU-SE PARA SÃO PAULO.

O DESEJO DE ESCREVER SURTIU AOS 13 ANOS, ONDE COMPARTILHAVA SEUS POEMAS NA BIBLIOTECA DA ESCOLA. A ELEVAÇÃO DE PENSAMENTO, AS ADMIRÁVEIS LEIS DO UNIVERSO E A EXISTÊNCIA HUMANA SÃO TEMAS SEMPRE PRESENTES EM SUAS CRIAÇÕES.

EM 2020, ALGUNS DE SEUS POEMAS FORAM SELECIONADOS E PUBLICADOS EM DIVERSAS ANTOLOGIAS. SEU POEMA MENSAGEIRO FICOU COMO SEMIFINALISTA NO CONCURSO INTERNACIONAL PENA DE OURO.

SEU SEGUNDO LIVRO, BUSCA, UMA VACINA METAFÍSICA EM TEMPOS DIFÍCEIS JÁ ESTÁ DISPONÍVEL EM E BOOK.

ATRAVÉS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA, COM IMPECÁVEL PRODUÇÃO DE SEU IDEALIZADOR ADEMIR PASCALE, ENCONTROU GRANDE INCENTIVO EM SUA JORNADA LITERÁRIA.



...Eles expressam saudade ...Ronrona a biodiversidade!

Ahhh os animais

Ame-os e deseje

Trata-los sempre bem

Enxerga-los com a verdadeira liberdade

Sob a natural identidade que o instinto tem

Ame-os e sempre queira

Encontra-los leves, gerando harmonia

Natureza de ciclos que invade

e, sem maldade a vida cria

Ame-os e imite-os

Com seu grande coração e com sua mente

Em seus valiosos exemplos gentis e inteligentes

Em cada espécie uma história,

Evolução, virtude e memória

Atitudes guias de nossa trajetória!

Ahh os animais

Somos seres ligados nesta terra, nesta estrada

Sinta neles uma presença do alto decretada

Ouçã deles a sinfonia de mil línguas antepassadas

Desta estreita compreensão nasce a direção, a pegada

Zooterapia, todo animal é poesia

Admiráveis criaturas, expressões livres, desgarradas

Celestial interligação, companheiros de jornada.

Zooterapia, terra, céu e mar em sintonia

Poder da natureza que desperta a alegria

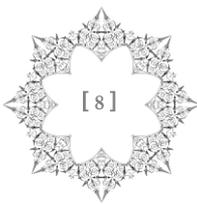
Aos animais universais toda proteção declaro

Equilíbrio que me traz cor

Sou ativista deste Eco-amor e

Para sempre, e eternamente

Serei Luz a preservá-los!





APRESENTAMOS O CONTO

CÓ

POR IVETE ROSA DE SOUZA

SOBRE A AUTORA: POETISA, CONTISTA E CRONISTA. NASCIDA EM SANTO ANDRÉ, LIVRO PUBLICADO CORAÇÃO ADORMECIDO. NOVO LANÇAMENTO ESTE MÊS AINDA DÁ TEMPO. PARTICIPEI DE VÁRIAS ANTOLOGIAS DE DIVERSOS SEGMENTOS.

@IVETEROSADES

FACEBOOK IVETE ROSA DE SOUZA.1



Nunca imaginei que uma ave pudesse ter vontade própria. Quero dizer personalidade, ser teimoso ou mesmo ter preferências. Mas dizem em toda regra há uma exceção. Conheçam o Có. Apesar do nome é um garotão forte, de peito largo, pés grandes, branco com uma enorme crista e papada vermelhas, deve estar pesando uns cinco quilos atualmente e é cheio de vontades e manias.

Foi abandonado em uma praça, próxima à minha casa, ele estava com penas faltando, todo machucado, e literalmente era pele e osso, com medo de quem chegasse perto. Meu esposo o trouxe para casa, como todo bom samaritano. Minha filha encantou-se com a franguinha e adotou de imediato, e por não saber como nomeá-lo, deu-lhe o nome de Có, pensamos que era mesmo uma franguinha, pois nada tinha de provas de ser um menino.

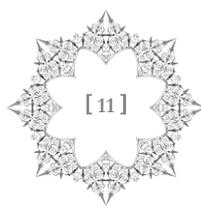
Depois de muitos cuidados, vitaminas, remédios e massagens no papo, porque parecia que o alimento empedrava e parecia ficar engasgado, o Có ficou bem. Alimentava-se o tempo todo gulosamente, e notamos que comigo e meu esposo ele admitia que colocássemos alimento e água, mas não permitia que fizéssemos qualquer carinho, se fôssemos alimentá-lo era de longe, de perto levaríamos uma bela corrida, com ameaças de bicadas e esporadas.

Com a menina era diferente, ela o pegava no colo, e andava com ele nos braços para cima e para baixo, e ele quieto fazendo uns barulhinhos, tipo criança mimada e manhosa.

O Có cresceu se tornou um verdadeiro senhor de seu território, e ai de quem se atrevesse a passar em seu caminho, era corrida na certa, e com direito a gritos ameaçadores e bicadas. Uma amiga trouxe duas galinhas para lhe servirem de companhia coitadas, levaram um tempão para que ele as aceitasse e em seguida as cortejasse.

Mas esse franguinho agora é o Có, um galo que se assemelhava à um cão de guarda. Se passar alguém no portão de casa e por infelicidade parar ali, vai levar um grande susto, porque o Có pula no portão, gritando feito louco, se alguém atrevido chegar perto, vai com toda certeza apanhar. Brincar com a menina é a alegria dele, mas não pode ser interrompido. Ele vai ameaçar gritando chega a que dar medo. O Có é branco e pelo jeito se acha um big cão, tínhamos um cão e uma cadela pretinha, uma garota gentil e carinhosa, não fazia mal à uma mosca, era vítima constante do terrorista. A coitada apanhou o suficiente para esconder-se mesmo que ele estivesse preso em sua casinha ,com cerca e tudo o malandro fugia.

Esse galo era o terror da casa, fazia o que bem entendia, cantava a qualquer hora, sendo dia ou noite, batia nas companheiras, espantava os cães, bateu até mesmo em gente grande. Quando chegava visita, era necessário prender o Có, os cães não. Um dia esquecemos a porta dos fundos aberta, e quando voltamos do mercado, encontramos o Có esparramado no sofá, ainda bem que minha filha estava em casa, abraçou-se a ele e com conversa macia o convenceu a descer do sofá, e caminhar com ela até o seu cantinho. E lá foi ele resmungando “có, cocó”, às vezes parece que ele fala e reclama dos outros humanos e minha filha tem certeza disso porque ele lhe confidenciou ao pé do ouvido.





APRESENTAMOS O CONTO

A FUGA DO CÓ

POR IVETE ROSA DE SOUZA

SOBRE A AUTORA: POETISA, CONTISTA E CRONISTA. NASCIDA EM SANTO ANDRÉ, LIVRO PUBLICADO CORAÇÃO ADORMECIDO. NOVO LANÇAMENTO ESTE MÊS AINDA DÁ TEMPO. PARTICIPEI DE VÁRIAS ANTOLOGIAS DE DIVERSOS SEGMENTOS.

@IVETEROSADES

FACEBOOK IVETE ROSA DE SOUZA.1



Todos os dias o Có aprontava alguma coisa. E a sua salvadora era sempre a sua cúmplice nas suas peripécias. A menina Rafaela estava sempre defendendo o Có. E claro o galinho era louco por ela. Quando ela ia para a escola o Galinho ficava inconformado, chorava copiosamente em seu cacarejar, dava até pena. Ele parava só para comer. Com o tempo ele aprendeu os horários que ia e voltava da escola. E antes da van escolar parar no portão o galinho se prostava no portão esperando por ela.

Ela já descia do carro chamando o Có, ele abria as asas e corria, mais rápido que um foguete. Sim o galinho era quase supersônico, nem os cães acompanhavam aquela corrida ele chegava antes deles para receber sua companheira de traquinagens. Ela sempre gostou de animais e vez ou outra junto ao pai trouxe um animalzinho doente ou abandonado. Sempre cuidamos de todos sendo gato, cachorro ou um franguinho perdido como ela costuma dizer. Chegamos a ter coelhos, gatos, cães todos convivendo em harmonia.

Mas o Có era um caso a parte, ele era o rei do pedaço, o grande franguinho que alcançou a maturidade, chegando a pesar quase cinco quilos. Bem a menina chegava entregava a mochila a quem estivesse esperando, e corria para abraçar o galinho. E eis que ele falava com ela naquela língua estranha dos galináceos. Segundo ela comentava que o galinho lhe confiava que alguém lhe deu alguma bronca, ou atrasou de lhe dar comida, ou os petiscos de minhoca que meu esposo providenciava cavando o jardim.

E iam os dois para o sofá, a essa altura tinham um sofá de dois lugares só para os dois. Nessa época ela tinha adotado também uma gatinha, e para nossa surpresa o Có aceitou, e até compartilhava o sofá com ela.

Ele era educado, nunca fez suas necessidades dentro de casa. Se dava vontade corria como louco para o quintal para ali fazer o que estivesse a fazer. Mas uma coisa eu não gostava do galinho, ele amedrontava as visitas. Uma vez uma amiga abriu o portão e foi entrando, deu de cara com o Có, eu só ouvi a gritaria. Corri para ver o que estava acontecendo, mas já era tarde. A moça correu para a rua e deixou o portão aberto. Resultado o Có em desabalada correria, gritando feito louco colocou a rua toda para fora, e depois para dentro dos portões, porque ele pulava nas pessoas. Era cômica toda aquela situação e ao mesmo tempo preocupante. Nosso medo era que alguém o machucasse. Por fim ele parou na frente de uma loja de material de construção, entrou e subiu em uma prateleira aos berros cacarejantes. Conseguimos localizar o grandão porque todos o viram

entrar na loja, e os dois funcionários ali presentes, correram para a calçada enquanto o Có apavorava quem queria chegar perto para contê-lo.

Minha filha entrou na loja calada, com cara emburrada, chegou na prateleira onde o moço estava e falou: Có desce. Ele obedeceu. Sem dar um pio sequer. E foi andando ao lado dela calminho como se nada tivesse acontecido. Ela veio faladando com ele: Có você foi fui malvado hoje, não pode sair de casa assim. Onde já se viu você correr por aí desse jeito, e se alguém malvado machucasse você, eu ficar muito triste.

E o galinho simplesmente entrou portão adentro. E enquanto ela fechava o trinco, ele foi direto para o seu cantinho, comer e beber.

Era um garotão forte, devia estar pesando quase 6 quilos, e eu estou me referindo ao galo.

Ele tinha chegado a nossa casa à pouco mais de um ano. Estava lindo todo branco com uma grande crista vermelha caída para o lado, e longas papadas.

Como toda criatura que adentra a nossa casa, era temperamental. Raramente tinha momentos calmos. Corria e bicava qualquer um que se aproximasse dele, incluindo eu mesma, que sempre colocava comida e água para o grandão. Mimei o quanto pude, ao raiar do dia, acordava com seu canto, e seu cacarejo que anunciava que era hora de ser liberto e de comer. Eu me levantava e ele era minha prioridade. Cortava cenoura, almeirão e milho cru, que eu raspava do sabuco, isto porque se desse o pedaço inteiro ele reclamava, fazia uma salada completa.

Mas mesmo com meus cuidados, e mimos o Có não era meu amigo, aliás eu era sua serviçal, na limpeza de seus excrementos, na sua alimentação altamente balanceada e na sua condução do galinheiro para o quintal e vice versa.

Presenciei incontáveis vezes o Có dar verdadeiras corridas, em pessoas desavisadas. Meu esposo e meu filho eram as vítimas preferidas dele. Certa vez, ouvi meu filho gritando, era o Có no pé da escada que dá acesso à nossa sala, ele abria as asas esticava o pescoço, e gritava furiosamente, ou melhor cacarejava, e dava pulos de dar medo, com bico e esporadas. Foi um trabalhão para conseguir pegar a fera e levar para fora.

Ele era tão danado, que se alguém esquecesse a porta da entrada aberta, ele entrava calado, subia no sofá, e lá ficava dormindo, até que alguém o visse, e acabasse com seu sono de beleza.

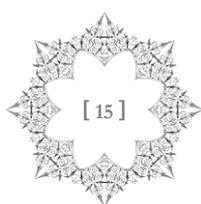
Tomou conta do quintal de tal forma, que nossa cadela Fifi, uma garota meiga e calma, ficasse sem lugar para ficar. Até mesmo a cama da Fifi o Có tomou. Durante o dia quem ficava com a cama era ele. Só a noite ele ia para o seu lugar. E não era um poleiro não era uma almofada grandona, que meu marido fez das sobras do revestimento de uma poltrona.

Todo santo dia eu recolhia a tal almofada limpava colocava ao sol. E a noite ajeitava para o Có. Mas ele tinha uma paixão e se derretia por ela, minha filha.

Desde a chegada do Có, ela tinha uma paixão por ele também. E ele era mansinho com ela, chegava ao ponto de subir no colo dela, e se ela deixasse ele dormia. Emitia uns murmúrios engraçados, parecia até um ronronar de um gato.

Atentado ou apaixonado, o Có fazia uns movimentos diferentes com as asas, ele abria uma das asas e rodeava a menina, parecia que cantava. Ela aplaudia e cantava para ele. Esse era o Có um galo que se achava um cão, um animal que defendia a casa, e a menina que o amava. No mês passado escutei minha filha gritando, e chorando. Mãe o Có morreu. E eu

fui até ele, estava de costas no chão com as patas para cima, duro como uma pedra. Não mais correria atrás de alguém nem daria mais bicadas. Minha filha chorou copiosamente, e eu providenciei o funeral. Não quero mais, nenhum Có, porque ele foi único, a criatura mais maluca e encantadora que já habitou no mundo em nosso quintal. Foi muito amado e mimado, como todos os animaizinhos devem ser.





APRESENTAMOS O POEMA

O GATO

POR LILIAN FERRAZ

SOBRE A AUTORA: 52 ANOS, NASCIDA E RESIDENTE EM SÃO PAULO. GRADUADA EM PSICOLOGIA E PÓS GRADUADA EM GESTÃO PÚBLICA, TEM GOSTO POR LEITURAS DIVERSAS. COMEÇOU A ESCREVER E PUBLICAR POR CURIOSIDADE, NO SITE RECANTO DAS LETRAS, DEPOIS NA CASADOSPOETASEDAPOESIA. PARTICIPOU DE ALGUMAS ANTOLOGIAS NOS SITES CITADOS E OUTRAS VIRTUAIS. MANTÉM UM BLOG PESSOAL DE POESIAS E TEXTOS DIVERSOS:[HTTPS://PALAVRASNOTASEVIVENCIAS.BLOGSPOT.COM](https://palavrasnotasevivencias.blogspot.com)



Felino sem lar, sem par,
Ganhaste fama de bandoleiro.

No cantinho em outras paragens;
entre fugas, afagos e vícios felinos
Vives suas gatunagens.

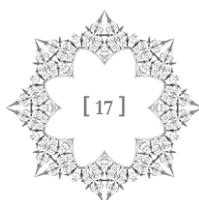
Astuto e também valentão;
Faminto, não se dá por vencido,
Atravessa a rua e até briga com o cão.

Com seu jeitinho simpático,
herdou fãs no vilarejo onde refugias.
Dengoso, cativa e desperta comoção quando mias.

Sua vida de gato sem dono e vadio,
te rendeu brigas, feridas e apelidos;
Lá, ficou conhecido como *o gato do terreno baldio*.

Agora, estás ferido e sendo por alguém cuidado;
perdeste a liberdade pois em ti não se pode confiar.
estás agitado, mas precisa ficar enjaulado.

Todos que o conhecem, tratam bem este gatinho
Pois o dócil e simpático bichano tem fama e nome
Carinhosamente o chamamos de **Jaiminho**.





APRESENTAMOS O CONTO

UM CACHORRO ESPECIAL

POR MARIA NETA DE SOUSA DIAS VIEIRA

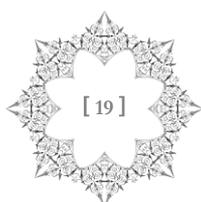
SOBRE A AUTORA: PROFESSORA APOSENTADA E ESCRITORA. RESIDE EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP. SEU ROMANCE CONCHAS EM RUBI, PUBLICADO PELO SELO PÁGINA NOVA, FOI LANÇADO EM 2021. PARTICIPOU COM CONTOS NA COLETÂNEA PORQUE HOJE É SÁBADO (E TODO DIA É O DIA DA CRIAÇÃO) E NO BLOG CAFÉ DO ESCRITOR. ATUALMENTE TRABALHA NA ESCRITA DE NOVO ROMANCE E INTEGRA GRUPOS DE AUTORES COMO CAFÉ DO ESCRITOR, CLUBE DE CRIAÇÃO LITERÁRIA E LITERATURA MÍNIMA. SEUS PETS SÃO OS GATOS SCOTT, RUFINO, BATMAN E TOBIAS.



Três vezes por semana o levo para treinar e, sempre que estamos juntos, nos divertimos com bastante exercício, muitos abraços e carinho. No centro de adestramento para cães, o meu amigo de caracóis branquinhos, parecido com um anjo barroco, faz jus ao seu nome todas as vezes que corre e passa por arcos, rápido e em singular beleza. Quando nadamos juntos ele é toda a expressão de felicidade!

A história do meu lindo companheiro vem lá da infância, o grande sonho de ter um cachorro de estimação! Naquela época, eu imaginava um cão de porte pequeno, bem peludo, para desfilarmos com ele, feito uma “madame”. Mas, para as minhas muitas fantasias com o bichinho, havia um grande obstáculo. Minha mãe, maníaca por limpeza, daquelas que só pensam em manter seu chão como um grande espelho, não me deixava ter um pet. Um dia, ao vê-la descartar o velho ferro de passar roupas, minha imaginação infantil supriu a carência. De imediato arranjei uma coleira, preendi o meu cãozinho peludo, muito fofo, como desejava, e pus-me a passear com ele. Novo problema para minha mãe, que precisou impor regras e em quais lugares eu poderia levar o meu pet, longe do seu piso cintilante. Foi assim que durante algum tempo eu passei muito com o meu cãozinho, a quem dei o nome de Raio. Eu era uma “madame” poderosa, passeando na pracinha em frente de casa. Puxava-o pela coleira, ou, quando o julgava cansado, o tomava nos braços com elegância e carinho.

Incrível como não me lembro de quando ou se substituí o meu Raio ferro de passar roupa por outro brinquedo. Ele só voltou à minha vida no ano passado, depois que mudei para o apartamento novo e um amigo trouxe o poodle de presente. Foi amor imediato e reencontrei o Raio nas minhas lembranças. Agora ele é dado ao esporte, ao trabalho dos músculos e muita energia. Já não é mais um cachorrinho de “madame”. Apenas o meu Raio. Um cachorro todo especial!





APRESENTAMOS O CONTO

A LIÇÃO DO RATO - PARTE I E II

POR MARÍLIA GABRIELA MASSETTO

SOBRE A AUTORA: NASCEU EM 1982, É "A LOUCA DOS GATOS" E CUIDA DE UM GAMBÁ. É TERAPEUTA HOLÍSTICA DESDE 2016 E SEMPRE TEVE FASCÍNIO PELOS ANIMAIS E O PLANO ESPIRITUAL. EM OUTRA EXISTÊNCIA JÁ FOI UM ELEMENTAL DA NATUREZA, ENTÃO CARREGA CONSIGO ESSAS EXPERIÊNCIAS DE OUTRAS VIDAS, DAÍ A SENSIBILIDADE EXTRAFÍSICA AFLORADA. SEMPRE BUSCA UMA MENSAGEM ATRAVÉS DOS SINAIS QUE OS ANIMAIS NOS TRAZEM. POR MEIO DE SEUS TEXTOS RELATA SUAS EXPERIÊNCIAS E CONEXÕES COM O PLANO ESPIRITUAL PARA AJUDAR MAIS PESSOAS NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA.

TODAS AS REDES SOCIAIS:

[HTTPS://LINKTR.EE/CORREGABS](https://linktr.ee/corregabs)



PARTE I

O ano tinha apenas começado. Era 5 de janeiro. 3 dias antes recebi uma notícia, daquelas que ficamos chateados pela forma que nos tratam e não pelo encerramento do ciclo em si. Tudo bem, estamos em plena era tecnológica e mandar um WhatsApp com 2 linhas terminando um “relacionamento” é extremamente normal.

“Somos seres descartáveis”, disse o Fábio.

Que bom que esses “descartes” acontecem de vez em quando! Temos a oportunidade de avaliar nossas vidas, amizades, relacionamentos e o quanto evoluímos nesse processo.

Vale lembrar que na época tinha 6 gatos em casa e toda vez que chegava, meus bichanos iam para a calçada e ficavam esperando que eu os pegasse no colo e os colocasse de volta para dentro... todo dia era a mesma história. Fiz o ritual de resgatar cada gato, quando fui atravessar a rua para pegar a Clarita, vi uma coisinha se mexendo na sarjeta... Era um filhotinho recém-nascido! Um rato de esgoto! O bebezinho ainda tinha os olhinhos fechados, estava meio que pedindo ajuda pra alguma coisa que ele ainda não sabia nem como era, mas era a sua única opção. Sua mãe estava morta ao seu lado com a barriguinha pra cima! Fiquei sem reação! O bebezinho estava prestes a ser levado pela enxurrada se alguém da rua lavasse a casa e tinha uma goiaba parada ao seu lado. Meu! Ia dar merda aquilo ali e eu não conseguiria almoçar, posso até estar exagerando, mas não conseguiria sequer VIVER com a culpa por ter abandonado um ser tão indefeso ali!

Levei o bichinho para dentro de casa.

Falei pra minha mãe que não sabia o que fazer, ela me olhou com uma cara de *“Não acredito!”* e só me disse: *“Gabriela, esses bichos não servem pra nada, só pra trazer doenças!”*

“Mãe, não se preocupe... Você tem uma caixinha pra eu colocar o bebê? Vamos almoçar, vai...”

Ela arrumou uma bem pequenininha, tinha até um buraquinho pra entrar o ar. Coloquei o rato em cima da mesa e já levei fumada! Eu não vejo maldade em nada mesmo!

Enquanto almoçava, questionava em voz alta: *“Qual a função de um rato de esgoto na Natureza? Não é possível não servir pra nada nesse mundo!”*

Tem um banheiro desativado em casa, então coloquei o ratinho na caixa e fechei a porta. Pronto! Um cômodo só para o bichinho, longe dos gatos! Não adiantaria muita coisa eu ter salvado o ratinho de ser levado pela enxurrada se depois um dos meus bichanos comesse!

Pesquisei no Google: *“como cuidar de um rato recém-nascido”*.

Não tem segredo nenhum! Os ratos são mamíferos, é só embeber leite num pedacinho de algodão e colocar na boquinha do bichinho pra ele mamar! Eu já pingava leite na mão mesmo e ele lambia, depois limpava as patinhas se lambendo, era muito fofo e eu me senti útil podendo ajudar aquela criaturinha indefesa!

E foi assim durante o final de semana. Postei no meu *Story* do Instagram e choveu de mensagens! A grande maioria me encorajou a cuidar do ratinho, alguns ficaram perplexos e outros pediram para eu tomar cuidado com transmissão de doenças.

No domingo fui ao aniversário da minha sobrinha Valentina e comentei entre os familiares que estava cuidando de um rato de esgoto recém-nascido... imagina o que saiu de comentários naquela festa de família!

Fui logo pesquisar no livro *“O poder dos gatos na cura das doenças”* da Cristina Cairo qual o significado de DOIS ratos terem aparecido na minha sarjeta... O livro é sobre gatos, mas tem um capítulo em que ela explica a visão xamânica dos animais e os sinais que eles vêm nos dar e... sabe qual é o sinal do rato???

Pega essa:

“O rato é da família dos morcegos e quando aparecem na sua casa ou cruzam o seu caminho é sinal de que você precisa se harmonizar espiritualmente e não se aproximar de pessoas invejosas e com a “língua preta” (que falam mal de todo mundo e criticam a todos). Quando um rato aparece na sua frente significa que algum “espertinho” ou “oportunista” quer tirar proveito da sua amizade para se dar bem em alguma situação. Saiba que o ratinho representa, entre outras coisas, pessoas que falam contra você pelas suas costas.” Cairo, Cristina. In: “O poder dos gatos na cura das doenças”, p. 323

Agora me diz... O que VOCÊ faria na minha situação?

Como eu deixaria pra morrer um bichinho indefeso que veio me trazer um sinal???

No terceiro dia cuidando do bebê ratinho resolvi fazer um post no Instagram pra interagir com a galera e fazer um diário dos cuidados... Trocava a toalhinha da caixinha, fazia

pequenos vídeos do bebê se alimentando... Ele entrava debaixo da minha camiseta pra ficar protegido, era tão... emocionante! O ratinho nunca tinha me visto ainda, mas confiava em mim!

Eu estava encantada! Queria descobrir se era macho ou fêmea pra poder dar um nome ao bebê ratinho! Pelo que pesquisei era fêmea, então fiz uma enquete e a galera contribuiu, muitos sugeriam um nome feminino, me parabenizavam pela atitude! Alguns me agradeceram por fazê-los mudarem a visão que tinham de um rato de esgoto e eu estava transbordando amor, sentindo que tocava o coração das pessoas!

Chegou a noite do terceiro dia. Cuidei do meu bebezinho (precisava ver que fofura, as orelhas ainda estavam grudadas, não tinha o buraquinho do ouvido aberto ainda, mas ele sentia a vibração do som quando eu abria a porta do banheiro e depois o box... se movimentava na caixinha, balançava os bracinhos como se estivesse correspondendo e me cumprimentando pela minha chegada! Eu havia pesquisado sobre o sexo dos ratos e tinha visto que só as fêmeas têm mamas e, pela posição dos órgãos genitais, deduzi que fosse fêmea, mas nessa noite percebi que o bebê estava com um “pipizinho”. Tirei várias fotos com o bichinho com as pernas abertas, mostrando suas partes íntimas, erguia o rabinho pra mostrar de outro ângulo e postei no Instagram dizendo que bateu a dúvida quando vi o pipi... Meu, eu estava morrendo de sono, mas não sosseguei até fazer a postagem com as fotos do ratinho com as pernas abertas!

“Descubra se o rato é macho ou fêmea”. E pá! Fui dormir.

Sonhei com o bebê... Tive pesadelos durante a noite e vi o ratinho morto no “sonho” ...

Acordei mais cedo pra cuidar da criança e me preparar para o trabalho.

Abri a porta, abri o box... Ele não acenou, não se mexeu... *“Será que está dormindo?”*

Não, minha filha... o rato morreu.

...

Nem soube o que pensar, eu só chorava!

Não tinha mais o que fazer. Envolvi o bebê numa meia de fadinha e coloquei numa minúscula caixa de presente e levei comigo para o trabalho... mostrei pro Fábio... *“Nossa,*

que dó... Tão pequenininho...” Ele ainda não tinha visto pessoalmente meu tiquinho de rato.

Cara, eu criei tanta expectativa!

Imaginava o ratinho convivendo com meus gatos (sim, é possível!) e também uma gaiola gigante com aquelas rodinhas pra ele brincar... já viajava imaginando como seria quando ele abrisse os olhinhos daí a alguns dias e visse uma carona com cabelo vermelho na sua frente, a criatividade rolava solta durante esses dias! Mas durou tão pouco!

Nem tinha aberto o Instagram pra ver a interação da galera, só pensava numa forma de acabar com tudo aquilo naquela manhã...

“Fábio, você tira uma foto minha com o bebê?”

“Acho que não...”

“Mas o pessoal está pedindo notícias, preciso avisar!”

“Tudo bem...”

Escrevi o seguinte no Post do IG (com uma foto segurando o ratinho e um raio de sol bem na direção da sua cabecinha):

TODOS somos luz!

Siga o seu caminho, meu bebê sem nome!

Por um ano com mais amor, convivência com as diferenças, aceitação do outro, menos julgamentos e respeito à vida!

Com apenas quatro dias de existência você deixou um legado! Gratidão, gratidão!

“Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seus semelhantes.” (Albert Schweitzer)

...

PARTE II

A galera não entendeu muito bem o que tinha acontecido, alguns acharam que eu havia devolvido o ratinho para a Natureza, pois até algumas horas atrás estava a maior diversão... O Fábio que nem acompanha meu IG até entrou e comentou no post, daí eu editei com a hashtag #RIP pra não ter que ficar explicando pro pessoal, eu não tinha cabeça pra nada.

Esse dia foi foda. Foi como se tivesse perdido um ente querido... na verdade era, né... Tive um filho supersensível durante 4 dias que absorveu toda negatividade enviada pro Universo e/ou pra mim...

Mas lógico que ficaram as lições! Tudo é aprendizado nessa vida!

A primeira e mais importante:

TOME CUIDADO COM AS PESSOAS DE “LÍNGUA PRETA” que vivem reclamando da vida e falando mal das pessoas! Eu aprendi pela dor e experiência de ser uma pessoa tóxica a não julgar o outro... lógico que “estamos” humanos e temos a tendência de criticar, pois muitas vezes somos influenciados pelo nosso EGO, mas nem sempre as pessoas irão entender o que você está querendo falar... Cada um entende o que quer e da forma que foi criado a entender... Então é sempre melhor usar a Lei do Silêncio. Sempre.

Partindo da frase de Freud “Quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo”, complemento dizendo que “se Pedro vem falar para mim sobre Paulo, com certeza ele vai falar para o Paulo sobre mim”...

Mais algumas:

SEJA GENTIL.

RESPEITE AS DIFERENÇAS.

ACEITE O OUTRO COMO ELE É.

SEJA VOCÊ MESMO EM QUALQUER SITUAÇÃO.

NÃO SE EXPONHA DEMAIS NAS REDES SOCIAIS.

Essa é bem complicada porque muitas pessoas têm parcerias e é interessante se expor e expor a marca das empresas parceiras ou de mostrar algum produto que ganhou, mas

tome cuidado com seus relacionamentos! Eu sei que a vida não é 100% florida, mas procuro sempre exaltar as coisas boas e positivas, mesmo porque é essa a filosofia que sigo, mas ficar colocando todos os dias fotos com seu companheiro, mostrando os lugares que vocês visitaram juntos, etc, acaba atraindo a energia da inveja e até mostrando que sua vida não é tão perfeita assim...

Enfim... fiquei ruminando a história do rato desde janeiro e encaixando as peças... não é que tudo faz sentido?

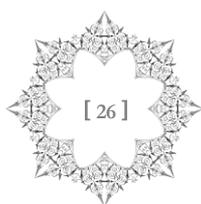
Meu “relacionamento” rompido via WhatsApp em duas linhas me fez refletir muito também... Uma parceria de 4 anos jogada no lixo com uma justificativa qualquer, uma desculpa das mais esfarrapadas que eu recebi porque Jaú continua pequena e as pessoas se conhecem... O destino me mandou vários sinais e eu finalmente entendi!

Até me lembrei de uma outra lição:

NÃO SE APEGUE AO PASSADO.

Encerrou um ciclo? OK, Tranquilo... “*No pasa nada*” ... e bola pra frente, minha filha! O mundo está cheio de novas oportunidades, possibilidades, pessoas, coisas, parcerias!

No dia seguinte já entrei em contato com outra empresa e fiz uma parceria de muito sucesso! E mais uma lição para fechar com chave de ouro: **NADA ACONTECE POR ACASO.** Esteja sempre atento aos sinais.





APRESENTAMOS O CONTO

A LIÇÃO DA CORUJA - PARTE I E II

POR MARÍLIA GABRIELA MASSETTO

SOBRE A AUTORA: NASCEU EM 1982, É "A LOUCA DOS GATOS" E CUIDA DE UM GAMBÁ. É TERAPEUTA HOLÍSTICA DESDE 2016 E SEMPRE TEVE FASCÍNIO PELOS ANIMAIS E O PLANO ESPIRITUAL. EM OUTRA EXISTÊNCIA JÁ FOI UM ELEMENTAL DA NATUREZA, ENTÃO CARREGA CONSIGO ESSAS EXPERIÊNCIAS DE OUTRAS VIDAS, DAÍ A SENSIBILIDADE EXTRAFÍSICA AFLORADA. SEMPRE BUSCA UMA MENSAGEM ATRAVÉS DOS SINAIS QUE OS ANIMAIS NOS TRAZEM. POR MEIO DE SEUS TEXTOS RELATA SUAS EXPERIÊNCIAS E CONEXÕES COM O PLANO ESPIRITUAL PARA AJUDAR MAIS PESSOAS NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA.

TODAS AS REDES SOCIAIS:

[HTTPS://LINKTR.EE/CORREGABS](https://linktr.ee/corregabs)



PARTE I

08/10/21 – Nunca corro de sexta-feira, mas acordei às 3h e não consegui mais dormir, então saí fazer a minha meditação em movimento.

No 2º quilômetro encontrei uma coruja morta com a barriga para cima na calçada, ao lado de um poste. Eu não acreditava no que estava vendo, nunca tinha chegado tão perto de um ser tão maravilhoso e imponente como aquele. Tirei uma foto. Tenho uma admiração especial por corujas, que são guardiões da noite e simbolizam a Sabedoria, mas sempre as admirei de longe. Ao tirar outra foto, percebi que faltava uma perna. Fiquei abismada com a cena e tive plena certeza de que havia sido um ser humano com espírito inferior que havia cometido tal atrocidade. Pedi permissão ao animal de luz e o peguei no colo. Quando fui me afastar, vi a perna inteira e seu pé com as garras enormes e afiadas na sarjeta. Comecei a chorar e peguei com cuidado seu membro amputado e coloquei “no lugar”, amparado por suas asas abaixadas e sem vida. Comecei a fazer uma prece e a pedir proteção dos benfeitores espirituais para que a sua alma fosse amparada e encaminhada para a luz e fui andando até a árvore que me sento para meditar e recarregar as energias toda vez que saio para dar uma corridinha.

Coloquei a coruja no tronco da árvore, sentei-me, fiz uma oração com a mão esquerda em seu corpo ainda mole e morno e a mão direita na árvore. Senti uma energia muito forte e senti seu peito pulsar, parecia até que estava viva. Tive algumas visões ruins de espancamento e seres cheios de raiva, risadas repletas de maldade e sombra, mas me concentrei para que isso não atrapalhasse minha prece e me despedi da maravilhosa coruja. Fiz um buraco ao lado do tronco retirando as folhas e a coloquei com muito cuidado na caminha de folhas. Senti vontade de retirar uma das penas para guardar de recordação, mas não achei nada justo fazer isso, afinal, já estava amputada, então cobri o animal com as folhas e disse que pelo menos duas vezes por semana estaríamos juntas, quando eu parasse uns minutos na árvore que eu adotei para me energizar. A partir daí eu teria uma companheira de meditação!

Continuei a correr para chegar em casa, afinal teria que trabalhar, estava muito chateada com esse ocorrido, mas o que estava ao meu alcance foi feito. Pelo menos não deixei o ser torrando no sol quando começasse a amanhecer para depois quando a limpeza pública passasse com o caminhão e a coruja fosse jogada no meio do lixo.

No final da tarde do mesmo dia recebi uma mensagem da minha amiga Tati dizendo que o Seu Rubens (seu chefe e proprietário de uma farmácia) estava bem desanimado por sentir muitas dores na perna e que havia se lembrado de mim e do Reiki que eu enviava a distância no Instagram, aí combinamos de eu ir na farmácia para conversar com ele.

No dia seguinte, fui aplicar Reiki no Seu Rubens. Ele havia passado por uma cirurgia no quadril e ainda sentia muita dor, mas o médico havia dito que não tinha nada a ver com o procedimento cirúrgico e nem com a prótese que havia sido colocada, por coincidência, na perna direita. Foi uma experiência interessante em que vi (na clarividência) uma “pedra” preta em sua perna. Retirei o peso de seu membro (nessa dimensão espiritual) e vi uma borboleta polinizando uns brilhos verdes e cauterizando a perna do senhor Rubens.

No outro dia saí para correr. Parei na árvore me energizar e verificar se estava tudo certo com a coruja e estava ok. Me concentrei e meditei um pouco. Visualizei a perna da coruja reconstituída e ela em perfeitas condições físicas. Ela abriu as asas, fez uma reverência para mim e pousou no meu ombro esquerdo. Lembrei do Seu Rubens na mesma hora! Acreditei que as histórias se sincronizaram e que a perna dele vai melhorar!

No terceiro dia da morte da coruja, passei pela árvore e uma das asas estava para fora. Algum animalzinho deve ter cavocado para se alimentar. Cobri novamente com as folhas e agradei sua proteção. Será que minha visão realmente foi real?

18/12/2021

Continuei aplicando o Reiki todos os sábados no Seu Rubens e também o levei na Casa da Luz, um local de socorro espiritual aos encarnados e desencarnados para receber uma limpeza espiritual. Ele foi nos dias 9 e 23/11. Um dos médiuns viu um homem sem a perna e depois a mesma reconstituída.

O trabalho de limpeza espiritual é constituído por uma equipe de amparadores extrafísicos, médiuns de incorporação e doutrinadores.

Não somos só esse corpo físico, temos outros corpos que nos envolvem (espiritual, mental e emocional são alguns) e é muito importante termos consciência de que existe algo “além”, afinal, por que muitas vezes sentimos dores que não curam com remédios e também não saem nos resultados de exames que fazemos?

No início das sessões de Reiki tive visões “ruins”, como a pedra interrompendo o movimento das pernas do Seu Rubens, mas também visualizei o problema sendo detectado e tratado. Senti a presença de benfeitores extraterrestres e amparadores espirituais me ajudando a fazer esse tratamento espiritual. Aliás, eu não curo ninguém, apenas sou um canal de comunicação entre os planos físico e espiritual, sou a que fica no “meio” desse processo de transmutação de energias.

Vi irmãos sofredores pedindo ajuda, desencarnados que estavam vagando sem saber para onde ir e também espíritos que não se lembravam que haviam desencarnado e queriam ajudar de alguma forma, mas a energia desses irmãos estava atrapalhando a evolução do Seu Rubens e a deles próprios.

Numa das clarividências enxerguei uma esfera transparente que, com a ajuda de um extraterrestre, tirávamos uma sombra preta que entrava dentro da esfera. À medida que a esfera enchia dessa névoa, substituíamos por outra vazia e retirávamos todas as energias densas que estavam atrapalhando o movimento das pernas e causando muita dor. Fizemos esse tratamento energético durante 2 meses, quando comecei a visualizar luzes mais claras e a ter sentimentos mais positivos em relação a isso. Contudo, ficávamos ressabiados e não entendíamos o motivo do Seu Rubens sentir tanta dor, até que ele decidiu fazer uma terceira biópsia, que deu positivo o resultado. Sim, o senhor Rubens estava com câncer no osso da perna (osteossarcoma), no local onde entrou o parafuso da prótese.

Engraçado que quando estava aguardando na recepção, comentei com a Tati sobre uma passagem do livro “Idosos e Espiritualidade” que me chamou a atenção sem saber do diagnóstico do seu Rubens. O marido da autora Lígia Posser teve câncer nos ossos quando tinha sessenta e poucos anos, eles passaram por vários perrengues financeiros e emocionais e o médico deu meses de vida para o senhor. Porém, eles começaram a procurar terapias alternativas, fazer Reiki, usar a energia dos cristais e das plantas e o marido se curou! Já passou dos setenta e cinco anos e está mais jovem do que nunca!

Lembrei que as primeiras visões foram da pedra, sombra, líquido preto saindo da perna e depois tudo curado e comentei sobre o episódio da coruja com o seu Rubens. Falei que podia ser só uma coincidência, mas que para mim foi um sinal. Ele falou que conversou com um médico e o mesmo disse que existe a possibilidade de amputar a perna.

Seguindo as visualizações e todas as experiências com o Reiki, tive plena certeza de que o Seu Rubens iria “cortar o mal pela raiz” e sair vitorioso dessa!

Reiki do dia 05/02/22 – Pedi apoio para a Dona Rosa Caveira.

Nunca havia colocado as mãos na perna do Seu Rubens, apenas na cabeça, ombros e mãos. Mas dessa vez a Dona Rosa Caveira me guiava para energizar bastante o local do tumor. Vi muita luz lilás e branca, o tumor como se fosse uma bolinha de gude e me senti muito otimista. No final da mentalização, ela se abaixou, olhou diretamente nos olhos do Seu Rubens e disse: *“Meu filho, vai ficar tudo bem!”*

O Seu Rubens disse que tinha feito uma consulta em São Paulo com um outro médico para saber uma segunda opinião e que o mesmo lhe deu uma esperança de manter a perna!

Pedi alguns exames e na semana seguinte voltou a São Paulo para realizá-los. Contou como foi demorada a experiência e o quanto ele sentia dor no quadril, mas que foi uma tomografia bem detalhada. O resultado sairia na semana seguinte.

Tive a intuição de dar um cristal de quartzo para o Seu Rubens para que ele energizasse o local durante 5 minutos todos os dias e que sugestionasse palavras positivas como “eu sou saudável, sou perfeito, ando com as duas pernas” etc. E que, após fazer essa mentalização, que dormisse com o cristal debaixo do travesseiro.

Na semana seguinte (19/02) sonhei com o Seu Rubens durante a noite e me vi fazendo um Reiki mais “caprichado”. Quando fui aplicar a técnica, fiz exatamente como no “sonho”. Acendi um incenso, coloquei uma música instrumental com sons binaurais numa frequência vibratória de cura e regeneração do corpo todo, utilizei o bastão de Apometria para realinhamento dos chakras e limpeza do tumor. Esse bastão é conhecido também como “bastão Atlante” e a Apometria é uma técnica energética de cura magnífica. O bastão é de cobre e parece uma varinha mágica, com um cristal de quartzo numa ponta e uma ametista na outra. Eu adoro essa técnica que aprendi na Casa da Luz na minha cidade.

Durante a energização da perna do Seu Rubens vi uma “bola” no formato e no tamanho do órgão do coração com uma pele bem fina, parecia uma bexiga cheia de água. Vi uma mão com uma agulha estourando essa bola, que saía um líquido preto. O curioso foi que a bola estava cheia, mas quando estourava, saía bem pouco líquido, como se fosse uma borra de café que só marcava a superfície, não ficava nenhuma poça de líquido.

PARTE II

Comentei com o Seu Rubens sobre a clarividência e disse que estava otimista, sinal de que o Reiki, as mentalizações com o cristal de quartzo + o tratamento com a quimioterapia estavam surtindo efeito.

Tive a intuição de deixar com ele a caixinha de incensos que levei para que ele fizesse uma meditação de cocriação nos dias 20 e 22/02/2022 que seriam dias mágicos com abertura de portais e mais favoráveis para a realização dos nossos desejos. Enviei o link da música pelo WhatsApp com as orientações a serem feitas durante a meditação. Era para ele visualizar uma luz roxa/violeta vindo do espaço e entrando pelo alto da cabeça. Imaginar essa luz entrando dentro do corpo, limpando, purificando e protegendo todas as células, de dentro para fora. Essa luz ia se expandindo, clareando e saindo pelos poros na cor branca/prata. Depois, se formava uma aura dourada em volta dessa luz branca e ele estaria protegido por uma bolha de luz dourada.

No dia seguinte (20) saí para dar uma corridinha e parei na árvore de sempre para meditar. Aproveitei e já me conectei com o campo energético do Seu Rubens e enviei um Reiki a distância para ele. Pedi proteção dos benfeitores espirituais e me emocionei pedindo que o Seu Rubens recebesse essa graça e fosse curado. Essa emoção que senti foi acompanhada de um sentimento de paz! Quando abri os olhos, eu estava com lágrimas no rosto, mas com o semblante sereno e os lábios sorrindo!

Voltei correndo para casa e, quando faltava 500 metros para chegar na minha rua, me senti atraída a entrar no parque e sentar no tronco do meu antigo refúgio, uma árvore com as raízes bem grandes. Antes da pandemia eu ia direto lá, mas depois que os parques ficaram fechados, precisei procurar outra árvore para meditar.

Cumprimentei a “minha” árvore, dei uma volta por ela e sentei-me numa das raízes. Percebi que estavam um pouco mais robustas e foi difícil encaixar uma posição confortável como a de antigamente. Aí me lembrei de que havia se passado 2 anos que eu não aparecia lá (só uma vez fui me sentar nesse meio tempo, mas estava com roupa de trabalho – calça e botas – e me sentei do outro lado da árvore, então não percebi diferença) e, como a árvore havia crescido, eu também. Aumentei minha composição corporal nesses 2 anos.

Coisa de 2 minutos depois, senti umas “cócegas” na canela esquerda. Havia pousado na minha perna uma espécie de mosca, com o corpo vermelho e preto.

Comecei a observá-la e a tirar fotos para registrar. Filmei várias vezes e a mosca ficou ali parada na minha perna durante uns 20 minutos. Em alguns momentos eu tentava conversar com ela e a mesma mexia as anteninhas ou erguia um dos bracinhos, como se estivesse me abençoando.

Aí eu entendi o sinal! Era a Dona Rosa Caveira me dizendo que tudo ficaria bem! Me emocionei novamente e agradei por todo amparo e proteção!

Na segunda-feira (21) o Seu Rubens foi a São Paulo conversar com o médico novamente, mas não nos falamos.

No dia seguinte fiz mais uma vez a mentalização a distância e agradei do fundo do meu coração por essa graça já alcançada! O dia 22/02/2022 foi extremamente especial, pois foi dia de portal palíndromo (frase ou palavra que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para a direita ou vice-versa) e isso potencializou nossos desejos! Eu sabia que o Seu Rubens faria a meditação do jeito que expliquei, mas eu queria muito que ele fosse agraciado com todas as energias positivas do Universo, então fiz uma meditação visualizando-o completamente saudável e feliz, andando com as duas pernas e passeando de mãos dadas com sua esposa Vânia.

No sábado fui aplicar o Reiki e o Seu Rubens já me recebeu com um sorriso no rosto e bem mais animado que as outras semanas!

Me contou que conversou com o médico de São Paulo, que ele estava muito otimista com o resultado dos exames e já marcou a cirurgia para o dia 11 ou 12 de março! Explicou direitinho quanto tempo dura esse tipo de cirurgia (6 a 8 horas), que gosta de fazer o procedimento no final da semana, assim o hospital fica tranquilo e ele pode fazer o procedimento cirúrgico com calma e com uma equipe à disposição dele e que MANTERIA A PERNAAAAAA!

Me arrepiei inteira ouvindo o Seu Rubens contar e meus olhos se encheram de lágrimas de emoção!

Saí do Reiki de alma lavada! Conteí como foi a experiência dessa vez, que só vi luzes brancas e um cristal na perna do Seu Rubens fazendo um espiral de energia! Confirmei

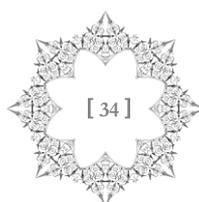
com ele sobre continuar energizando a perna com o cristal que dei a ele e o Seu Rubens afirmou que todos os dias estava fazendo o “ritual”!

Que incrível! Vi depois da cirurgia o Seu Rubens sentado com um buquê de rosas amarelas no colo (a Dona Rosa Caveira nasceu num jardim com rosas amarelas)!

Continuamos com o tratamento energético e espiritual durante mais um tempinho e, alguns contratempos depois, a cirurgia foi feita no dia 09/04/22!

Hoje o Seu Rubens está bem, ficou um tempo imobilizado, ainda está deitado, mas já começou a fazer fisioterapia! Em breve estará caminhando novamente com as duas pernas!

Realmente não somos só esse corpo físico e o plano espiritual está sempre nos amparando! Basta estarmos atentos aos sinais!





APRESENTAMOS O CONTO

OS FELINOS - PARTE I E II

POR MARÍLIA GABRIELA MASSETTO

SOBRE A AUTORA: NASCEU EM 1982, É "A LOUCA DOS GATOS" E CUIDA DE UM GAMBÁ. É TERAPEUTA HOLÍSTICA DESDE 2016 E SEMPRE TEVE FASCÍNIO PELOS ANIMAIS E O PLANO ESPIRITUAL. EM OUTRA EXISTÊNCIA JÁ FOI UM ELEMENTAL DA NATUREZA, ENTÃO CARREGA CONSIGO ESSAS EXPERIÊNCIAS DE OUTRAS VIDAS, DAÍ A SENSIBILIDADE EXTRAFÍSICA AFLORADA. SEMPRE BUSCA UMA MENSAGEM ATRAVÉS DOS SINAIS QUE OS ANIMAIS NOS TRAZEM. POR MEIO DE SEUS TEXTOS RELATA SUAS EXPERIÊNCIAS E CONEXÕES COM O PLANO ESPIRITUAL PARA AJUDAR MAIS PESSOAS NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA.

TODAS AS REDES SOCIAIS:

[HTTPS://LINKTR.EE/CORREGABS](https://linktr.ee/corregabs)



PARTE I

Minha conexão com os animais vem de outras existências, contudo, com os felinos é algo surreal e profundo, então teremos um capítulo especial para esses grandes mestres que nos ensinam a cada dia!

Posso ser considerada “a louca dos gatos” por muitos ou a pessoa que “julga” seu semelhante por não gostar de gatos, mas esses seres fantásticos nos conhecem muito melhor do que nós mesmos! Costumo dizer que se uma pessoa não gosta de gatos, cai no meu conceito. Você não é obrigado a gostar de um gatinho, mas pode ter certeza de que está perdendo muita coisa nessa vida com essa simples escolha!

Os felinos enxergam nossa aura, nossas vidas passadas e transitam entre as dimensões muito facilmente!

Posso contar um “causo” rapidamente para retratar a passagem para o “lado de lá” num piscar de olhos para você tentar entender isso, se estiver aberto, é claro!

Quando eu ainda não tinha um portão no corredor de casa para evitar que os gatos saíssem na rua quando eu abrisse o portão da garagem para entrar com a moto, era sempre a mesma história: eles escutavam o barulho do portão abrindo e já iam correndo para a calçada me esperar para que eu pudesse resgatar um a um para dentro de casa. Coisas de gato. Cada um com sua mania. Um deles, o Cat Noir, vivia fazendo graça antes de entrar! Corria pra cima e pra baixo até me cansar! Era muito divertido!

Minha rua é muito movimentada e o sentido é só de descida, então o fluxo de veículos para pegar a avenida da esquina é intenso e uma vez o meu pretinho resolveu atravessar a rua feito um doido, passando na frente dos carros, só pra quase me matar do coração! Eu já havia estacionado a moto na garagem e só faltava o Gatinho para ser resgatado e eu fechar o portão, mas não parava de passar carros justo naquela hora. Eu olhava pra ele e falava pra esperar um pouco, mas ele atravessou de volta novamente, passando na frente de um carro!

Meu coração já estava na boca e, não sei o que aconteceu, mas em um milésimo de segundo (que parece que durou 8 minutos), comecei a gritar como se fosse um ancestral, soando palavras que nem sei o significado nem de onde surgiram, de tanto desespero que eu sentia!

Comecei a procurar no chão o gato já caído e imaginando se estava vivo ainda ou se o estrago tinha sido muito grande.

Não consegui ouvir nada durante alguns segundos e muito menos raciocinar.

Quando olhei para a minha calçada, lá estava o meu gatinho deitado com os braços para frente e olhando pra mim com uma cara de: “O que aconteceu com você, humana? Tá doida ou o quê?”

Nem sei o que dizer, só sei que pedi por favor pra ele não fazer mais isso comigo, porque se ele não fosse atropelado, eu é quem iria bater as botas por passar tanto medo e desespero!

Os gatos, além de transitarem em outras dimensões, têm mais cristais de quartzo em sua glândula pineal, isso permite que eles transmutem as energias com muito mais facilidade! Os cristais vibram em frequências altíssimas e têm poder de cura. Cada pedra tem sua “habilidade” e sua energia é incrível! Existe vida em cada lasquinha de pedra e, se você permitir, será muito beneficiado com esse poder do reino mineral!

Por isso que sempre vemos os gatos se energizando e reequilibrando as energias no Sol e/ou dormindo. Como eles transmutam as energias, precisam se restabelecer de alguma forma. Então, se você sempre achou que gato é preguiçoso, acho melhor mudar seu conceito sobre isso!

Quando estamos com algum problema físico ou alguma dor, o gato sabe disso antes mesmo que o desequilíbrio seja diagnosticado. Se um gato se deitar em cima de você ou então ficar “amassando pão” em alguma parte do seu corpo, deixe-o! Ele sabe o que está fazendo! Gatos são Reikianos!

Os felinos são incríveis guardiões espirituais e nos protegem de inúmeros ataques e influências energéticas.

Quantas vezes você não notou seu gato olhando “pro nada”? Acha que realmente não havia nada ali na parede que você não estava enxergando? Seus sentidos são extremamente apurados!

Quando um gato não vai com a cara de alguém, ele simplesmente se afasta. O contrário também acontece. Se ele sente que a energia da pessoa que vem ao seu encontro está boa, ele permanece no lugar. Muitos felinos sofreram maus-tratos e ficam meio

ressabiados quando seres humanos chegam perto, então ficam analisando o indivíduo a distância. Se você quer conquistar um gato, é só dar uma disfarçada, olhar para outra direção, dar uma bocejada, demonstrar que está desarmado e ir se aproximando que ele vai permitir a conexão. Você não precisa pegá-lo no colo e fazer carinho para se comunicar com o animal, pode fazer tudo telepaticamente. Se ele for mais aberto, possibilitará um contato mais próximo, mas aí vai muito da sua calma e dedicação para conquistá-lo.

Tenho gatos que demorou muito tempo para eles adquirirem confiança em mim, mas até hoje não peguei no colo. E está tudo bem. Por isso também que me identifico muito com os gatos, sou bem “bicho do mato” e não me abro para qualquer um. Contudo, se você conseguir me convencer de que é uma pessoa do bem, pode ter certeza de que farei de tudo para conservar esse elo de amizade e respeito.

Existe uma sociedade de felinos que vibra na quinta dimensão. Eles são chamados de Hankors/Hancors e sua origem é em Sirius A.

Esses seres têm a estatura de mais ou menos 1,80 m e andam como humanos (tipo a “Fera” do filme “A Bela e a Fera” da Disney, sabe?).

Os Hankors atuam no nosso processo energético e também ajudam o Planeta na elevação da sua frequência. São seres guerreiros, defendem a justiça por todo o Cosmos, são combatentes assíduos e em guerras são muito agressivos com os seres obscuros e trevosos. No entanto, são amorosos com quem é da luz e verdadeiros protetores.

Os Hankors adoram ajudar e trabalham juntos com os Arcturianos na Mesa Multidimensional Arcturiana, promovendo a limpeza espiritual e a proteção para quem necessita.

Esses seres estão sempre dispostos a contribuir com a nossa evolução! Mas precisamos nos abrir para receber essas bênçãos e proteção espiritual!

Nesse ponto do texto, você deve estar me perguntando:

Como entrar em contato com Hankors ou com seres de outras dimensões e planetas?

Através da meditação. Mas não há necessidade de você se isolar numa montanha longe de tudo e de todos, com incenso, mantras e cristais para conseguir tal façanha. Simplesmente se permita e sinta!

Respire profundamente algumas vezes e, ao exalar, sinta que você está entrando em profundo relaxamento... Imagine uma luz vindo do espaço e atingindo você. Essa luz pode ter a cor que você desejar. Eu gosto da cor roxa/violeta, que é a cor de transmutação de energia. Então vamos fazer o exercício de mentalização e conexão com essa cor!

Imagine uma luz violeta entrando pelo alto da sua cabeça... Essa luz vai envolvendo todo o seu corpo e suas células... Essa luz vai clareando, ficando num tom lilás e vai se expandindo se dentro para fora... Essa energia vai limpando todas as suas moléculas, te purificando e protegendo... Imagine essa luz ficando mais clara e saindo pelos seus poros... Essa luz vai iluminando todo o seu corpo e o seu espírito, te envolvendo na cor prata...

Em seguida, se forma uma aura dourada em volta de você... Você está amparado, protegido e abençoado por uma bolha de luz dourada!

Respire profundamente mais algumas vezes... Inspire o ar imaginando toda essa luz limpando seus corpos físico, emocional, energético e espiritual...

Aí é só você permitir! Seus benfeitores (anjos da guarda, amparadores espirituais) estão sempre do seu lado só esperando você chamar!

PARTE II

Pode ser que venham imagens na sua mente. Permaneça em silêncio e continue tentando visualizar um rosto. Mesmo que não consiga enxergar nada, preste atenção no seu corpo. Geralmente você sentirá uma energia percorrendo a sua espinha, um calor ou então frio, arrepios... Muitas vezes você sentirá uma leveza e paz pairando no ambiente... Você pode fazer essa conexão deitado, sentado ou até mesmo em pé. Costumo fazer com os pés descalços na grama de um jardim ou sentada no tronco de uma árvore. Aí depende muito do momento e lugar que você está.

Pode ser que não enxergue nenhum rosto ou veja imagens desconexas, objetos aleatórios, mas todo detalhe é importante!

Aproveito a oportunidade de contar outro “causo” sobre uma experiência recente que tive na última enchente que foi histórica na minha cidade:

Dia 30 de janeiro de 2022. Jaú amanheceu com cerca de 15 pontos de alagamento na cidade. Na esquina da minha casa eu nunca tinha visto algo igual.

Vira e mexe alguns pontos da cidade alagam mesmo, mas em alguns lugares os danos foram surpreendentes!

Como trabalho no setor de Trânsito da Secretaria de Mobilidade Urbana, nossa equipe é sempre a primeira a chegar no local para sinalizar e a última a sair, garantindo a segurança de todos.

Fazemos até coisas que não são nossa função, mas para ajudar o próximo, não pensamos em nada. Simplesmente vamos lá e fazemos.

Dois dos Agentes de Trânsito entraram na água para salvar uma senhora que pesava 150 kg com um colchão inflável porque o rio estava subindo muito rapidamente e a Defesa Civil ainda não havia chegado no local. Além da senhora, eles resgataram mais um rapaz, alguns pertences, documentos importantes e também 2 cachorros com boias que foram emprestadas por uma borracharia! Foram verdadeiros heróis! Se não fossem o João, o Sidnei e mais um voluntário, aquela senhora e os animais teriam morrido afogados!

Quando fiquei sabendo dos cachorrinhos que estavam ilhados, na hora tirei minhas botas, celular, rádio e capa de chuva e entrei na água para ajudar, pois tenho mais habilidade

com os animais do que com gente. Pode ser uma falha minha, mas estou fazendo o meu melhor.

No caso da clarividência e contato com os benfeitores espirituais aconteceu o seguinte:

No dia 1º de fevereiro eu estava ajudando na limpeza de um bairro vizinho que foi atingido pela água e inúmeras casas ficaram cheias de lama.

Passou uma moça que sempre vejo quando saio pra dar uma corridinha com um prato de ração na mão e a aparência abatida no meio da chuva. Como eu estava na esquina só fechando o trânsito, fiquei na calçada observando se chegava algum veículo para eu orientar ou abrir o cavalete se chegasse alguma máquina ou veículo da Prefeitura. Aí começamos a conversar. Eu só passava correndo e dava um bom dia pra ela e para os seus gatinhos que sempre dão uma voltinha pra comer matinho na rua. Sempre tiro fotos dos gatos e tento fazer amizade, mas eles fogem disparados! Aí disse pra Fernanda que eu adoro os seus gatos, que já senti vontade de levar um deles para a minha casa, mas que se eu arrumar mais um, quem é expulsa de casa sou eu!

Conversa vai, conversa vem e eu senti que ela não estava bem. Resolvi perguntar. Ela me disse que um dos seus gatos estava desaparecido desde o domingo, dia da enchente, e que o mesmo nunca tinha sumido assim. Ela começou a chorar e dizer que não comia e nem dormia de tanta preocupação e que até os irmãos e parentes do gatinho estavam sentindo a sua falta.

Só quem tem animal que sabe como é, né. É tipo filho.

Eu sentia a dor dela e queria fazer alguma coisa para ajudar.

Não sabia como chegar no assunto, afinal, nunca tinha conversado com ela antes, fiquei com receio de que ela me achasse muito maluca ao falar sobre energias e tal, mas eu precisava fazer alguma coisa. Vê-la daquele jeito me doía por dentro!

Comecei a falar que fiz um curso chamado “Espiritualidade dos Animais” (que, inclusive, recomendo a todos – é só pesquisar mais sobre no link: https://beacons.ai/Reiki_animal e procurar a Priscila Waib), que tenho uma certa facilidade de me conectar com eles, principalmente com os gatos e que poderia tentar descobrir onde o bichano estava.

Ela me olhou meio incrédula, mas não perdeu a chance de tentar encontrar o gato, afinal, já fazia 2 dias que procurava o bichano sem sucesso.

Perguntei o nome dele para eu poder me concentrar e chamá-lo telepaticamente, mas ela não conseguia falar o nome do gato de tanto medo que alguém ouvisse e pudesse chamar o bichano e fazer algum mal pra ele...

Aí me lembrei de que os amparadores espirituais nem ligam para nomes, rituais e objetos, que são desapegados de todas essas coisas mundanas, então relaxei...

Nem me lembrei de falar para a Fernanda pensar no gato, eu apenas me conectei com meus benfeitores e pedi ajuda!

Lembra que eu falei que cada detalhe é importante numa clarividência?

Pois bem, falei para a Fernanda o que consegui ver ao me conectar:

“Vi muita lama – novidade, a cidade inteira estava cheia de lama -, vi um triângulo meio amarelo e também vi aquelas flores vermelhas, sabe aquela parede de planta viva que tem aquelas flores ali na última rua do bairro? (depois minha mãe me disse que são hibiscos 🌺) Então, acho que ele deve estar por lá.”

“Mas eu já fui lá uma vez e não vi nada. Disseram que viram ele no alto e que estava marrom de lama. Mas não falaram onde e nem na hora que viram, então não o encontrei mesmo.”

Olhei pra Fernanda e ela estava de chinelos, então falei que ia até o local dar uma olhada. Pedi pra ela ficar de olho no trânsito se alguém pedisse para entrar e fui até os hibiscos.

Entrei num espaço aberto que tinha e parei bem no meio de um monte de areia. Tentei me conectar novamente com o gato, mas não consegui ver nada. Senti uma dor no peito. Não entendi o significado da dor. Será que está vivo ou morto? Ai, meu Deus. Dei mais alguns passos e encontrei o triângulo! Eram pedaços de bambu que estavam num monte de lama e mato. Dei uma olhada para cima, mas como não parava de chover, tive certeza de que o gato não estava em cima de nenhuma árvore. Comecei a olhar ao redor e estalar os dedos bem baixinho, andando vagarosamente. Vi vários montes de galhos e imaginei que ele pudesse estar escondido numa dessas cabaninhas naturais, mas como a Fernanda me disse que o gato não ia com ninguém, nem com a mãe dela, achei melhor voltar e contar tudo o que senti, porque o gato não iria chegar perto de mim com capacete, botas e capa de chuva fazendo barulho. Agradei o amparo dos benfeitores e voltei.

Chegando lá na esquina, repassei o meu “tour” pelo local para a Fernanda, disse que encontrei o triângulo bem próximo das flores e que o gato deveria estar escondido, assustado e que ela deveria olhar para baixo e procurar.

Falei pra ela: *“Vai na sua casa, coloca um sapato fechado ou uma bota, come alguma coisa e depois você tenta entrar ali. Mas fica tranquila, ele está bem! Gato é forte e sabe se virar! Ele vai aparecer!”*

Ela me disse que faria isso então, que ia tomar uma água e ir ao banheiro e que depois iria ali onde falei.

Terminou o meu trabalho ali no bairro e a equipe foi almoçar. Aproveitei pra ir na base do Trânsito e almoçar também, pois o dia seria longo!

Dei apoio em outros lugares e por volta das 16h fui na rua principal do centro da cidade balizar o trânsito que estava muito travado e o Secretário havia chamado no rádio.

Não dava pra fazer muita coisa por lá porque não é todo mundo que segue reto, tem bastante gente que atravessa a rua e motoristas que estacionam seus veículos ou saem do estacionamento, então só fiquei “botando presença” na Rua Major Prado.

De repente, aparece uma moça subindo a rua e me chama:

“Moça, você que estava lá perto da ponte, né? EU ACHEI O GATOOOO LÁ NAQUELAS FLORZINHAS QUE VOCÊ FALOU!”

Meus olhos se encheram de lágrimas e me arrepiei inteira vendo aquela moça se aproximando de mim e chorando de felicidade! Me agradeceu muito e me abençoou.

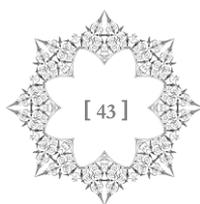
Eu ganhei o dia! A semana! O ano!

Falei: *“Imagina! Eu que tenho que agradecer pela confiança! Isso me motiva a seguir em frente e a ajudar mais pessoas! Que bom que você encontrou o gato e ele está vivo!”*

Fiquei extremamente feliz e transbordando amor! Isso me deu forças e energia para trabalhar até o final da semana de muita chuva e muito labor!

Não sou eu quem cura.

Sou apenas um canal. Você também pode ser! Permita-se!





APRESENTAMOS O CONTO

AS PITCHUQUINHAS ATACAM DE MADRUGADA!

POR MAURO M. MASSUDA

SOBRE O AUTOR: PAULISTANO NATO, FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS, LEITOR DESDE A MAIS TENRA IDADE, E ESCRITOR NAS HORAS VAGAS. PAI DE UMA FILHA ADORÁVEL, QUE É A SUA PRINCIPAL PLATEIA PARA AS HISTÓRIAS QUE CRIA, MAS TAMBÉM INTERESSADO EM TEMAS COMO POLÍTICA, FICÇÃO-CIENTÍFICA, MUNDOS DE FANTASIA, SEMPRE ATRÁS DE SUA PRÓPRIA JORNADA DE HERÓI.



“Paaa...paaaii!”

O grito o fez pular no colchão de molas. Coração acelerado, o relógio de cabeceira marcando 3 horas da manhã. Ele acendeu o abajur, e tateou pelo criado-mudo, em busca dos óculos.

“O que aconteceu, filhota?” ele perguntou, preocupado. A menina costumava se esgueirar de mansinho, saía do seu quarto com paredes cor-de-rosa e se enfiava na cama para dormir com ele, mas era a primeira vez que ela o acordava.

“As pitchuquinhas fugiram, paaapai, fugiram da gaiolinha,” explicou, balançando o corpo de um lado para outro. “Eu acordei com um barulhinho, e fui lá ver se elas estavam bem, e aí vi que elas tinham fugido da gaiola.”

“E como será que elas fugiram?” ele perguntou, já imaginando a resposta.

A menina de cinco anos corou, arregalando os olhos. Seu pai sorriu, sem se importar com a falta de resposta, e envolveu a filha em um abraço. Ela deu uma risadinha.

“Bom, temos que procurar elas, né?” ele disse, esticando a mão em busca do interruptor de luz do quarto.

“Aah, paaapai, será que podemos... procurar só com as lanternas?”, ela pediu.

Ele acenou com a cabeça, e ela sorriu radiante. Ia ser uma aventura de exploração na caverna escura, como haviam brincado no outro dia. Pegou as lanternas na gaveta do criado-mudo, e puseram-se a procurar.

“Pitchuquinhas, cadê voceeês?” ela falou baixinho, enquanto seguia seu pai, em passos lentos e cuidadosos, até chegarem na sala de estar.

Ele sorriu, pensando em como sua filha havia se acostumado rápido com esses bichinhos. O medo inicial deu lugar a curiosidade, e daí para tietagem. O nome sisudo e científico era *Rattus norvegicus domestica*. Inventaram um nome mais comercial, “twister”, mas as pessoas também os conheciam como “rato de laboratório”, “ratazana” ou, para algumas mais antipáticas, “bichos nojentos”. E para sua filha elas eram as “Pitchuquinhas”, e ela mesma batizara cada uma delas, cheia de inspiração e afeto. Havia Pitica, a mais carinhosa. Saltita, que não parava quieta. E por fim a Bambucha, que era a mais gordinha, e portanto... “bambuchenta”, na opinião da menina. Já a mãe dela nunca se acostumara com sua preferência por ratos como animais de estimação, assim como com outras tantas coisas, e isso descambou no divórcio, dois anos antes.

Ainda lembrava da primeira vez que viu esses ratinhos. Tinha uns dez anos de idade, e topou com eles em uma pet-shop esquecida em um shopping center. Estavam enfiados em

uma gaiola, todos de pelo branquinho e olhos vermelhos, e longos rabinhos pelados. Encostou a palma da mão contra as grades, e alguns deles cheiraram, outros deram lambidinhas, e outro, mais afoito, arriscou um mordisco. Sua mãe deu um grito, reclamou de serem “bichos nojentos” e o tirou de lá. Mas ele já estava apaixonado.

Ela se agachou perto da estante da sala de estar, e jogou a luz da lanterna embaixo do sofá. Soltou uma risadinha, levantou-se, e deu uns pulinhos até o outro lado do sofá, procurando.

“Você viu alguma delas, filha?” ele perguntou.

“Acho que era a Bambucha, paaapai!”, ela quase gritou, animada.

Ele iluminou com sua lanterna, e lá estava ela, encolhida sob o sofá. Bambucha era a mais desconfiada das três, parecia ter medo da própria sombra, e quando estava acuada num canto, dava seus mordiscos. Mas se desmanchava toda, quando a pegavam nas mãos. Só demorava a pegar confiança. Bem diferente de suas irmãs, Pitica e Saltita.

A menina esticou a mãozinha, e deixou que a Bambucha chegasse até ela. A ratinha se aproximou, bamboleando, cheirou e lambeu os dedinhos espalmados. Se a menina esticasse o dedo, talvez a ratinha confundisse com alguma oferta de alimento, e tascaria os dentes. Mas sempre como mordiscos leves, só para verificar se era algo de comer. Ratos enxergam mal.

Ele observou por uns instantes, enquanto a menina acariciava a ratinha. No passado, por precaução, explicara que ratos de rua podiam ser perigosos, transmitiam doenças, podiam morder, e morder para valer, ao contrário das ratinhas do pet-shop. As crianças aprendem rápido, os adultos é que são difíceis. Já tivera sua cota de visitas que não conseguiam entender porque ele não tinha um gato, um cachorro, talvez um hamster ou porquinho-da-índia. Em vez de... ratos.

Por fim, ele pegou Bambucha das mãos da menina, e foram juntos, os três, até a gaiola que ficava na área de serviço.

O safári noturno continuou, ele tinha ouvido algo na cozinha. E lá foram o pai e a filha, apontando suas lanternas para todos os lados. Ele colocou o dedo em frente aos lábios, e ela ficou quietinha, olhando para ele. Em silêncio, notaram um barulho de raspagem, como se estivessem descascando um tronco de árvore com uma colher. Devagar, foram se aproximando de onde parecia vir aquele som, no vão que havia entre o fogão e a parede. E lá estava ela, uma ratinha branca com a cabeça pretinha. Uma capuz-preta, como ele a chamava.

“Papai, é a Saltita!” a menina sussurrou, animada.

Saltita era espevitada, adorava explorar os cantos e coisas que encontrava. E havia encontrado uma castanha-do-pará, ainda na casca, e estava se esforçando para abri-la com seus dentes. Os incisivos dos ratos nunca param de crescer, e por isso eles vivem roendo coisas. Tanto que a ração que elas comiam era dura feito concreto. No passado, ele pensara em amolecê-la com água morna, não entendia como podiam se alimentar de algo tão duro, mas então aprendeu que os ratinhos tinham necessidades diferentes. A ração era ideal para elas, que comiam segurando com as patinhas da frente e fechando os olhos, e desgastava naturalmente seus dentinhos. De vez em quando, sua filha comia biscoitos imitando esse gesto, e dizia que ela mesma era mais uma ratinha fofa.

Ao contrário do que as pessoas imaginavam, queijo estava longe de ser o prato ideal para delas. Ratos de rua terminam comendo o que estiver disponível, mas a gordura e o sal nos queijos encurtam suas expectativas de vida. Cenoura, maçã, banana e farelos de aveia eram opções bem mais saudáveis.

“Cenoura!? Paaapai, são ratinhas ou são coelhinhos?” a filha lhe perguntara certa vez, toda risonha, quando ele explicou o que tinha no cardápio das Pitchuquinhas.

Saltita largou a castanha-do-pará meio roída, e se aproximou. A menina esticou as mãos, e pegou a ratinha quando ela chegou mais perto. O bichinho se chacoalhou um pouco, como se ensaiasse uma fuga, mas estava apenas se acomodando nas mãozinhas da menina. E foram os três, até a gaiola na área de serviço. Bambucha farejava e pulava, como estivesse alegre com o retorno de sua irmã.

Pai e filha retomaram a busca pela última ratinha. A menina estava feliz com a aventura noturna, e ele se pegou pensando que, talvez, deveria fazer falta para ela ter um bicho de estimação na casa de sua mãe. A menina queria ter de tudo, cão, gato, passarinho, avestruz, baleia, pônei, unicórnio, mas lá se contentara em ter um aquário com peixinho. Crianças e bichos de estimação têm uma coisa em comum, uma capacidade de dar afeto, aceitar carinho, e retribuir, sem pestanejar ou questionar. As pitchuquinhas davam a menina a oportunidade de exercitar um afeto puro e incondicional.

A última, claro, se mostrou mais difícil de achar. Olharam no banheiro, voltaram para a sala de estar e a cozinha. Fizeram silêncio, esperando ouvir algum barulho diferente, algo que denunciasse onde a Pitica estaria, mas nada. Ele cogitou acender as luzes, a menina protestou, queria continuar no safári noturno.

“Paaapai, ela deve estar no seu quarto! Não fomos procurar lá ainda!” a menina concluiu.

Ele sorriu com a sagacidade da menina, tomaram o rumo para o quarto, as lanternas iluminando o caminho. Entraram devagar, com cuidado. A ratinha era pequena, e podiam, sem querer, pisar nela. Ele fazia solturas quase todo dia, deixando que elas andassem livres por algum cômodo do apartamento, e nessas horas Pitica insistia em correr até seus pés. Ela havia sido socializada muito bem, era o segredo para que virassem bons animais de estimação. Bastava pegá-los na mão, desde a primeira semana de vida, para crescerem acostumados com as pessoas.

A menina se agachou e olhou embaixo da cama. “Nada aqui, paaapai!”

Também nada embaixo do armário ou da escrivaninha. Foi quando ele percebeu a ratinha se aninhando no meio das cobertas, olhando para ele com seus olhos esbugalhados, e erguendo o focinho cheio de bigodes para farejar onde estavam seus donos. A menina a pegou com as mãos, e Pitica parecia se derreter entre seus dedos. Sentou-se no chão, e pôs o bichinho em seu colo. A ratinha se esticou, cheirou o rostinho de sua dona, e se aninhou confortavelmente.

Ratos, twisters, são animais gregários, a felicidade para eles é fazer parte de um grupo, ter irmãos ou irmãs para brincar, conviver, às vezes brigar. Ele sempre cuidara deles em trios, os ratinhos precisam uns dos outros, e de nós também. Somos seus guardiões, e recebemos companhia em troca. O pai sentou-se ao lado da menina, e esticou a mão. Pitica segurou-a com suas patinhas, e pôs-se a lambêr os dedos. A menina riu. Ficaram ali, alguns minutos, o homem, a menina, a ratinha.

“Melhor colocá-la de volta na gaiola,” ele disse, pondo fim a diversão.

A menina se levantou num pulo, ainda abraçando a ratinha. Seguiram até a gaiola, e encontraram Bambucha e Saltita agitadas, aguardando o retorno da irmã. Colocaram Pitica para dentro, e após afagar e cheirar suas irmãs, ela pôs-se a roer um grão de ração. Pai e filha assistiram por alguns minutos, e então ele deu um afago na cabeça da menina, indicando ser hora de voltar para a cama. Foram lavar as mãos, e ele a acompanhou de volta para seu quarto de paredes cor-de-rosa.

“Paapai,” sussurrou a menina, “posso pedir uma coisa?”

“O quê, filha?” disse ele, enquanto ajeitava a coberta nela.

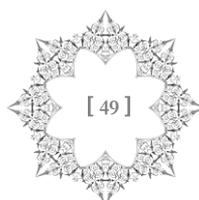
“Posso dormir lá com você, posso?” ela pediu, cheia de dengo.

Ele fitou seus olhinhos por alguns segundos. Sem dizer nada, a pegou nos braços e a carregou para o outro quarto. No fundo, era também uma ratinha, querendo companhia e se sentindo segura nos braços de seu guardião. Pouco depois, ela estava dormindo. Ele

deu-lhe um beijinho da bochecha rosada, e com todo cuidado, levantou-se da cama, e caminhou com cuidado até a área de serviço.

“Boa noite, minhas pitchuquinhas,” disse em voz baixa, encostando o rosto próxima a gaiola.

E enquanto se deitava na cama, ajeitando a coberta em cima de sua filha, pensou consigo mesmo que, no final das contas, eram apenas ratos. E também criaturas de um Deus bondoso.





APRESENTAMOS O POEMA

AMIGO

POR PAULO JP RESENDE

SOBRE O AUTOR: NASCIDO NO RIO DE JANEIRO, PAULO RESENDE TEM TEXTOS PUBLICADOS DESDE OS DEZESSEIS ANOS. LEITOR ÁVIDO A PARTIR DA INFÂNCIA, DECIDIU LANÇAR SEUS PRIMEIROS LIVROS EM 2020 E NÃO PAROU MAIS. CASADO COM ELAINE RESENDE, TEM DOIS FILHOS E CUIDA DE BYRON, SHIH TZU COM QUEM PASSEIA DUAS VEZES POR DIA, TODOS OS DIAS. DIVIDE O SEU TEMPO ENTRE DIVERSAS ATIVIDADES, SEMPRE PRESERVANDO O TEMPO NECESSÁRIO PARA LER E ESCREVER.



“Animal não fala”

Mentira: você não sabe ouvir!

Não sabe ouvir

O olhar,

O rosto,

O canto,

O ronronar,

Do amigo

Do verdadeiro amigo

Que se deita aos seus pés

Sem interesse, sem viés

Que te acompanha

Que te entende

Mesmo quando,

Ignorando,

Você não compreende

Que ele

É o único amigo

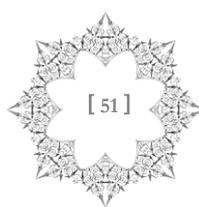
Que ali está

Contigo

Quando ninguém mais

Quer na tua companhia ficar

Jamais





APRESENTAMOS O CONTO

MICO MEU

POR ARNALDO CHAGAS

SOBRE O AUTOR: ESCRITOR. PSICÓLOGO, PSICANALISTA E SOCIÓLOGO. MS. EM PSICOLOGIA SOCIAL E DR. EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. FOI PROF. UNIVERSITÁRIO POR 20 ANOS. TEM 6 LIVROS PUBLICADOS (LIVRO DE CONTOS PARA SER LANÇADO. UM ROMANCE EM ANDAMENTO). DIVERSAS PUBLICAÇÕES EM JORNAIS E REVISTAS. PRODUZIU, DIRIGIU O DOCUMENTÁRIO: "DESCONHECIDOS". MAIS 2 CONTOS E 6 NANO CONTOS SELECIONADOS EM CONCURSOS E PUBLICADOS EM LIVROS. DOIS CONTOS EM "COLETÂNEA DE CONTOS. SEIS CONTOS MINIMALISTAS PUBLICADOS EM "COLETÂNEAS". MÊS QUE VEM SERÁ PUBLICADO SEU LIVRO DE CONTOS: "DOS EXASPERADOS AOS ACOMETIDOS" PELA ED. DRAGO.



Quando criança, tive um gato que se chamava Mico. Ele ficou famoso no bairro. Os amigos faziam piadinhas em por conta do nome dele: mico teu, mico meu, o teu mico vai fazer tu pagar mico, o micuzinho é mais cuzinho do que mico, teu mico é um mico empresário, a religião do mico é gatólica, vou fazer um gato da Net com teu mico. Vamo combiná! Uns chatos!

Não humanizo bichos, eles lá e nós “a cá”, mas vou te passar a visão malandro, meu Mico era um felino medonho, sujeito de muita “gatiguria”, só faltava falar. Folgado era ele, de vez em quando sumia pelas madrugadas para vadiar, cair na gandaia. Pura boemia.

Ouvia suas algazaras pelos telhados e quintais dos vizinhos. Mais parecia um jornalista: jorrnaaaau! Jorrnaaaauu! Ouvi dizer que esse é o som romântico dos gatos. Mico não dava mole, por isso não deixava ninguém dormir direito com suas ladainhas junto da gatária. Não tardou muito e passou um perrengue danado, levou uma surra do Sultão, o cachorro do vizinho. Eu já tinha avisado: bota fé meu irmão! Esse barato de vender jornal às três da manhã não vai terminar bem. Deu ruim, tava se achando! Te falei!

Mas a surra só surtiu efeito naquela noite. Na outra, os gatos estavam todos novamente namorando a Joana (nome que atribuí à gata ferosa que atraía os amantes).

Descobri depois de adulto, com Túlio, amigo veterinário, que tudo começa quando a gata entra no cio. Para aliciar os gatos, ela emite um miado característico que chama a atenção deles. Caraca meu! A mim pouco importava quem dava início à sacanagem, afinal, era a vida do meu Mico que estava em jogo. Era isso que importava. Gostava tanto do bichano que implorei para meus pais não mandarem cortar as bolas do Mico. Deu no que deu!

Naquela altura do campeonato, certamente as bolas do Mico corriam perigo, e pouco eu podia fazer para evitar o estrago, tamanho era o ódio dos vizinhos. Meu pai enfurecido volta e meia dizia: “Vou cortar o saco desse desgraçado”. Eu pedia arrego, na moral: “Faz isso não papai, qual é! Tu é ruim, hein!”. Ficava só no papo, na vontade. Eu pensava comigo: Será que se castrarem o Mico ele vira um gato gay? Coisa de guri.

Na verdade, Túlio me disse que a gritaria dos gatos, nesses casos, só tende a crescer. A gata grita e os gatos machos respondem com sons cada vez mais alto, se concentrando em torno dela. Daí travam um duelo seguido de briga. É uma gritaria só!

Caraca velho! Fala sério! Devido ao burburinho, eu sempre achei que quem ganhava a felina, ganhava no grito, aliás, por isso mesmo me dei mal certa vez.

Desde criança era muito imaginativo.

Vivia criando teorias pra tudo, tá ligado? Nesse caso, imaginei que as gatas deveriam ter problemas de audição, ou era mesmo o poder do grito que as afetava. Pensando nessa última hipótese, procurei testar minha tese. A Ana era a mina mais filézinha do beco, nós moleques, que mal tínhamos pentelhos, competíamos para conquistá-la. Todos os dias brincávamos em grupo de amigos: de pega-pega, pula-pula, esconde-esconde e pula corda. Assim, no meio das brincadeiras, de vez em quando eu soltava um berro: ANAAAAA...! TO AQUIIIIII!... ANAAAAA...! Surtiu efeito contrário. Foi mal, deu ruim! Ana ficou impressionadíssima, estava sem entender aquilo tudo e se afastava cada vez mais mim. Meus camaradas tiravam onda com a minha cara, choravam de tanto rir. Na sequência, viram que a coisa não estava pra brincadeira e começaram a achar que eu estava pirando de verdade. “Tá doido meurmão! Deixa quieto!”. Os compadres até pensaram em me oferecer um cachimbo da paz pra ver se eu me acalmava.

Voltando à gritaria dos gatos, o troço realmente era insano. Incomodava por demais. Todas as noites a balburdia infernizava meu pai e os vizinhos. Todos estavam de cara com o Mico. A adrenalina da gaiatada à mil e a suruba correndo frouxo, queria que vocês vissem! Era o maior barato! Eles todos doidão, estavam nem aí pra os humanos. Eu vendo tudo da janela do meu quarto, tirava onda: “Seu Mico fedorento, vai te aquietar maluco, tu tá se achando!”. No outro dia, zonzo da zuera, o malandro dormia o dia todo”.

Era uma festa. O Mico gritava, “jornaaaauu!”, Joana respondia: “nãooouun”. A gata gritava: “saaaiiiiiiii!”, o lindão respondia: “nãooouun”. Mico gritava, “dez reááuuus”, a gata, “nããoooon”. O Mico: “vinte reááuuus”, a gata, “nããooounn”. De repente, a gata saltou na frente no Mico e gritou: “milreaaullss!” e o Mico imediatamente respondia: “nããooounn”. Os gritos mais pareciam um bebê chorando. Eu da janela do meu quarto, só no bico, via, ouvia e curtia tudo. Era o maior barato aquele namoro bombando. Era agressivo, doido, tipo sadomasoquista. Uma combinação de prazer e dor. Véio! Na real, ficava de cara com aquela doidera toda. O troço é porrete! Gatos são foda meu!

De repente, depois de uma noite de boemia, o Mico não voltou mais pra casa. As noites silenciaram. Passaram-se dois, três dias e nada. Eu andava jururu, gostava muito do meu gatinho. Começava a sentir sua ausência. Achei que a cachorrada da rua ou os vizinhos poderiam tê-lo assassinado. Mas, acreditem, no quarto dia, depois de desaparecido, cedo da manhã, ao abrir a porta da frente da casa, avistei um ser irreconhecível saindo de um bueiro e vindo em minha direção. Era o Mico! O molambento estava irreconhecível. Estava todo lanchado, um legítimo desvalido: magricelo, os olhos cobertos de remela, uma orelha

rasgada e o lombo todo ferido. Pobre miserável, estava todo esfarrapado. Dava dó só de olhar.

Mancando, se aproximou de mim e tentou erguer a cabeça para me ver. Juro que só vi que era um gato porque miou. Na hora percebi que o bichinho estava tomado de profunda angústia e sentimento de desvalia. Por falta de aviso que não foi!

A situação era trágica e cômica ao mesmo tempo. A criatura, naquele estado deplorável, tentava com muito esforço me enxergar e se comunicar comigo: miaááuuuu, miaááuuuu, miaááuuuu. Não consegui segurar o deboche. Confesso que caçoei dele:

— Mas ah Mico velho boêmio de guerra. Não tá morto quem peleia tchê! Levanta essa cabeça putero véio!

Na hora me veio em mente a música do Adelino Moreira, “A volta do boêmio”, aliás, canção que fez muito sucesso na década de 60 e 70. Até lembro que cantarolei um pouco em homenagem ao pobre desmilinguido: boemia aqui me tens de regresso e suplicando te peço, a minha nova inscrição... (riso).

Alheio ao meu espanto e à minha homenagem musical, o Mico se aproximou ainda mais de mim. Parei com a brincadeira na hora, percebi que a coisa era séria, que a situação era caótica. Andava devagar, rengueando, havia suspeita de fratura, pelo menos em uma das patas. Olhando de perfil, mais parecia uma raposa velha do que um gato. Soltava miados anêmicos, dava ares de quem pedia socorro. Era um gemido de dor misturado com tristeza. Os lamentos não paravam: miaááuuuu, miaááuuuu.

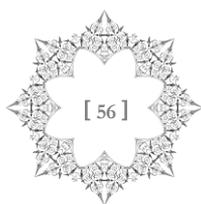
A situação lastimável do Mico me tocou fundo o coração. Não sabia nem como agarrá-lo, daí com o maior cuidado peguei ele no colo e o enrolei numa toalha, levei ao banheiro, fechei a porta e lasquei-lhe um banho morno. Sinceramente, achei que ele estava em estágio final, pois jamais admitiria banho sem reclamar e tacar as unhas, e nesse dia aceitou sem contestações. Molhado, o esqueleto ficou à mostra, parecia um zumbi. Segurei ele no colo mais uma vez e o enxuguei. Depois o enrolei num pano e o coloquei num dos cantos do sofá da sala. Aplaquei sua fome com leite quente. Acabou bebendo mesmo contrariado para não me fazer desfeita e caiu no sono. Dormiu o dia todo e durante toda a noite.

Eu é que não consegui dormir direito pensando o que faria com ele no dia seguinte. O correto seria levá-lo ao veterinário, eu sei, mas antes, eu teria que enfrentar meus pais. Eles jamais aceitaram bem a estadia de Mico lá na baía, depois de tudo que vinha aprontando. Decidi não contar nada sobre o ocorrido. Levantei durante a noite por três

vezes pra ver o Mico, ele estava lá, quietinho como deixei, firme e fraco. Deveria estar devorado pelo sono, afinal, três noites na boemia, sem dormir e fazendo fuzarca, não é brincadeira não!

Tão logo amanheceu, fui ver o Mico novamente e levei um susto. Chamei ele umas três vezes, mexi em seu corpo, passei a mão em sua cabeça, mas ele não respondia de jeito nenhum. Estava durinho, mortinho da silva. Admito que fiquei arrasado. Doeu fundo em mim, cortou meu coração. Segurei o Miquinho em meu colo, trouxe ele junto ao meu peito, passei a mão por todo seu corpinho magro e o chamei pelo nome mais uma vez. Não conseguia acreditar que ele fechou os olhos para sempre. Engoli seco e chorei em silêncio. Dói muito ver um bichinho de estimação sem vida. Percebi tamanho amor que eu sentia pelo Mico. Minha vida era feliz com ele, apesar das travessuras, teimosias e algazarras que fazia nas madrugadas. Sabia que ia sentir muita saudade do Mico, mas precisava enfrentar aquela dura realidade.

Em suma, dizem que gato tem sete vidas. Ora, se for assim, quem sabe o Mico teria perdido seis delas antes de vir pra casa? Na noite derradeira, teria então completado seu ciclo. Será que foi por essa razão que o Mico voltou pra casa? Bem, quanto a isso ninguém pode saber ao certo, o que posso dizer é que o Mico, apesar de sua existência curta, viveu intensamente e gozou a vida ao máximo. Mas depois de tudo que aconteceu, me interrogo: Será que não teria sido melhor então, que o Mico tivesse perdido as bolas do que a vida?





APRESENTAMOS O POEMA

MINHA GATA MIMOSA

POR PEDRO VERÍSSIMO DA SILVEIRA

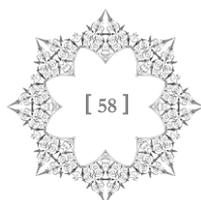
SOBRE O AUTOR: NASCIDO EM SOLEDADE, RS EM 05/08/1932. FILHO DE COLONOS DE SUBSISTÊNCIA, FOI PARA PORTO ALEGRE COM TREZE ANOS, TRABALHOU E ENTROU PARA O EXÉRCITO. CASOU EM 1959 COM MARIA EUGÊNIA PRA BALDI DA SILVEIRA, TEVE CINCO FILHOS, SÃO CASADOS HÁ SESENTA E TRÊS ANOS. TEM CURSO SUPERIOR DE BIOLOGIA E ADMINISTRAÇÃO. DURANTE TODA SUA VIDA FOI UM APAIXONADO PELA NATUREZA. EM 1970 FOI MORAR EM FLORIANÓPOLIS, ONDE RESIDE ATÉ HOJE. É OFICIAL REFORMADO DO EXÉRCITO BRASILEIRO.



Eu tenho uma gatinha
Cujo nome é Pintada
O porquê assim batizada
Quem o fez até se arrisca
Porque ela é mourisca
Sempre junto em qualquer hora
Seja na casa ou lá fora
Nem do perigo ela prisca

Eu até acostumei
Sempre vê-la por perto
Sua ausência é um deserto
Que me faz entristecer
Nem sei como vai ser
Quando chegar o momento
Do seu desaparecimento
Sem ela pra me entreter

Nem quero pensar
No dia do desenlace
Temo que ultrapasse
As raias do exagero
Com um suspiro ligeiro
Atinja o sentimento de pranto
Quando a gente sente tanto
O soninho derradeiro





APRESENTAMOS O POEMA

MEU GATO AZEVICHE

POR PEDRO VERÍSSIMO DA SILVEIRA

SOBRE O AUTOR: NASCIDO EM SOLEDADE, RS EM 05/08/1932. FILHO DE COLONOS DE SUBSISTÊNCIA, FOI PARA PORTO ALEGRE COM TREZE ANOS, TRABALHOU E ENTROU PARA O EXÉRCITO. CASOU EM 1959 COM MARIA EUGÊNIA PRA BALDI DA SILVEIRA, TEVE CINCO FILHOS, SÃO CASADOS HÁ SESENTA E TRÊS ANOS. TEM CURSO SUPERIOR DE BIOLOGIA E ADMINISTRAÇÃO. DURANTE TODA SUA VIDA FOI UM APAIXONADO PELA NATUREZA. EM 1970 FOI MORAR EM FLORIANÓPOLIS, ONDE RESIDE ATÉ HOJE. É OFICIAL REFORMADO DO EXÉRCITO BRASILEIRO.



Meu gato azeviche
Mais preto que piche
Me usa e abusa
Eu o acaricio
Como gata no cio
Ele não me recusa

De manhã cedinho
Ele espera carinho
Lá no jardim
Abro a janela
Ele se revela
E corre pra mim

Eu não sabia
Que um gato podia
Sentir tanto amor
Mas vejo que sente
Tão nitidamente
Como matiz de flor

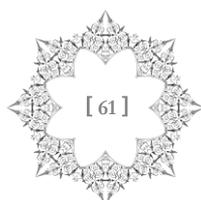
Eu chego à janela
Ele também vem pra ela
Me mordisca a mão
Como galinha arisca
Não olha nem pisca
E desce pro chão

Com certo pejo
Porque não desejo
O afastamento de mim
Ele fica miando
Como que me indagando
Por que fazes assim

Esse gato manhoso
Deveras buliçoso
Anda sempre comigo
Arranha a poltrona
De feltro ou de lona
Mas é meu amigo

Não sei o que faço
Sentindo o fracasso
Do meu ensinamento
Parece que entende
Nunca se rende
Ao comportamento

Enfim o meu gato
Não xingo não bato
Nem espanto da varanda
Nenhum castigo eu bolo
Dorme no meu colo
Ele sabe que manda





APRESENTAMOS O CONTO

UMA GATINHA CHAMADA MEL - PARTE I E II

POR ROBERTO SCHIMA

SOBRE O AUTOR: NETO DE JAPONESES, NASCIDO A 01/02/1961. AGRACIADO COM O PRÊMIO JERÔNIMO MONTEIRO, PROMOVIDO PELA ISAAC ASIMOV MAGAZINE (ED. RECORD) PELA HISTÓRIA COMO A NEVE DE MAIO. CONTEMPLADO NOS CONCURSOS OS VIAJANTES DO TEMPO E OS TRÊS MELHORES CONTOS, AMBOS PELA CONEXÃO LITERATURA, COM A QUAL COLABORA DESDE O Nº 37. ESCREVEU: LIMBOGRAPHIA, SOB AS FOLHAS DO OCASO, CINZA NO CÉU, ERA UMA VEZ UM OUTONO ETC. PARTICIPOU DE 162 ANTOLOGIAS. O CONTO AO TEU DISPOR FOI PREMIADO NA ANTOLOGIA CROCITAR DE LENORE (ED. MORSE). RSCHIMA@BOL.COM.BR.



PARTE I

*... Se instalou feito um posseiro
Dentro do meu coração...
("Teresinha", Chico Buarque)*

Aconteceu mais ou menos na segunda quinzena de julho de 2021.

Era um condomínio na cidade de Salto, interior paulista.

Havia sol. Havia verde. E a ilusão de segurança.

Foi lá onde o destino nos fez conhecer.

Nas flores, a promessa de mel.

Surgiu sem nada querer.

E jamais esquecer.

O mais correto seria mencionar que ela se deixou perceber.

"Dar-lhes-ei o privilégio de minha presença a fazer diferença no seu viver."

Eu e minha esposa, Márcia, já nos encontrávamos por ali desde março do ano anterior, vindos de Itanhaém, litoral sul do estado, no que deveria ter sido uma estadia curta, de poucos meses, mas que fora involuntariamente prolongada em razão da pandemia, seguida do confinamento. Viéramos porque a minha sogra de quase noventa anos, residente no município adjacente de Itu com meu cunhado precisava realizar vários exames médicos.

Quanto a ela...

"Eu? Ora, sou uma gatinha jovem, miúda e dengosa, a passear contida e charmosa na frente de sua casa. E, mesmo sem asas, flutuo no asfalto e nos gramados e a sua simpatia eu tomo de assalto."

A pelagem adolescente era predominantemente branca, embora carente de um banho como melhor lhe conviria e seria de seu direito, por mais que sua espécie fosse reticente à água. A cauda e mais da metade da cabeça eram de um cinzento rajado. Trazia manchas do mesmo tom no lado esquerdo, perto da patinha traseira e outra menor do lado direito, na altura da espádua. Quanto aos olhos, cintilavam um verde clarinho: manhosos, carentes, desconfiados e tímidos. Sussurravam:

“Me faz um carinho?”

Era bem conhecida pela vizinhança.

Um jovem casal que fazia caminhada, parou, fez-lhe uns cafunés e colocou no asfalto um pouco de ração — carregavam no bolso para esse tipo de ocasião. Ela, magrinha, aceitou de bom grado e concedeu o privilégio de se deixar alimentar. Privilégio sim, pois, neste mundo, confiança era uma joia rara em meio a seixos de pouco ou nenhum valor.

Era uma juvenzinha muito mansa, deixava-se agradar tanto no alto da cabeça quanto na vulnerabilidade sedosa de sua barriga. Sua docilidade a todos conquistava. Embora vivesse nas ruas e dormisse no desconhecido, esbanjava encanto e elegância.

Eu e minha esposa nos perguntamos:

— De onde terá vindo?

Cogitamos:

— Não será de fora do condomínio?

— Mas, e o muro alto? E a cerca elétrica?

Talvez, por algum esforço olímpico, tivesse conseguido pular o muro, evitar a cerca e entrar. Gatos possuíam algo de ninja, não possuíam? Sendo bem recepcionada pelos residentes, deixara-se ficar. Outra hipótese seria a de que talvez fosse uma cria de felinos que já existiam no próprio condomínio. Todavia, não passavam de especulações. Mais tarde, viríamos a saber sua origem, o que nos deixaria um tanto indignados.

Já tivemos cães; gatos, nunca. Inclusive, a minha esposa tinha até uma certa cisma em relação aos felinos dado o comportamento arreadio destes.

Para quem está habituado a tê-los como animais de estimação — como nossa amiga, Daniquinha, a quem conhecemos quando ela era adolescente e, vez ou outra, surgia em casa com algum gatinho de rua —, nada do que está escrito aqui será novidade. Todavia, para mim e minha esposa foi uma curta trilha de aprendizados, surpresas e descobertas. Se eu pretendo deixar registrado aqui no “papel” é por não confiar numa memória tão volátil quanto a minha. E eu não desejo esquecer.

Gatos são independentes e desconfiados por natureza. Menos expressivos se comparados aos cães quanto a demonstrar afeição, caminham praticamente sem produzir som algum e possuem aquele olhar parado, quase hipnótico, como se lessem nossos pensamentos, julgassem-nos, quisessem se apossar de nosso espírito ou vissem coisas que nossos

sentidos não percebiam. Não por acaso foram alvos de superstições, atribuíram-lhes dons sobrenaturais, até endeusaram-nos.

Como não ser desconfiada? Como não julgar? Entretanto, sei que sou ingênua. Outros gatos me miaram: “Inocentona!”, enquanto me expulsavam de seus territórios.

Apesar de estarmos na metade do inverno, fazia calor. Perguntamo-nos se ela não estaria com sede ou faminta. Embora ganhasse punhados de ração dos transeuntes, a gatinha não devia se alimentar regularmente. A princípio, deixamos um pote d’água sob a cobertura da garagem, cujo acesso era livre, pois não havia muro. Numa futura ida ao supermercado, acrescentamos ração de gatos à lista de compras; em grãos, a princípio, depois um petisco mais tenro e úmido da *Whiskas* que vinha em pequenos envelopes.

Comecei a ver vantagem!

Ela aceitou e, em pouco tempo, acostumou-se a vir comer em frente de casa. Vinha, comia e depois sumia. Assustava-se por qualquer coisa: um movimento brusco, um barulho, uma voz alta. Morria de medo de caminhões.

Claro, são uns monstros terríveis!

Perguntamo-nos:

— Onde será que a pequenina dorme?

Ficávamos preocupados, em particular, nas noites mais frias ou chuvosas.

No entanto, pelo tempo que lá permanecemos, seu esconderijo sempre se constituiu num mistério.

Talvez por isso se chame “esconderijo”...

Do lado esquerdo de onde morávamos, a casa era colada aos fundos da casa vizinha a qual fazia esquina com outra rua. A vizinha se chamava-se Renata. Tentara abrigar a gatinha em sua própria casa, pois sentia pena e gostava de animais. Contudo, já possuía um gato e um cachorro, de modo que a gatinha estranhara e recusara-se a ficar. A Renata

passara a deixar água e ração do lado de fora. Entretanto, após começarmos a alimentar a gatinha, percebeu que, aos poucos, a bichana passou a preferir a nossa ração. Certamente, fora por causa dos petiscos em envelopes.

Foi através da Renata que soubemos da origem da gatinha.

Revelou que, na realidade, ela tinha donos. Moravam na segunda casa após a dela. Porém, decidiram adquirir um outro gato: bonito, grande e de pelos longos. A gatinha não aceitara de modo algum a presença do intruso e, por isso, fugira, passando a perambular pelos arredores. Indagamo-nos se os donos haviam se dado ao trabalho de tentar uma aproximação e adaptação dos dois felinos. Dessa forma, o forasteiro se tornara o fanfarrão “rei do pedaço”.

Bem sei rei do que ele é, mas sou uma princesinha e não me rebaixarei a dizê-lo.

Nós já conhecíamos esse gato antes de saber da história.

O pivô involuntário de tudo aparecia vez ou outra pela manhã no quintal de trás. Como o terreno era comprido, o fundo da casa em que estávamos coincidia com metade do fundo do quintal da casa que ele morava. Era de lá que ele aparecia lépido e faceiro e caminhava no alto do muro por toda a sua extensão, indo até à frente de nossa casa. Bem, não tão lépido, pois, ao contrário da gatinha, além de grande e pesado, era sisudo, arisco e desconfiado, típico do comportamento de gato com o qual estávamos familiarizados. Cheguei a vê-lo descansando no topo da chaminé da churrasqueira. Às vezes, perambulava no alto de casa e eu podia ouvir o barulho das telhas. Um dia, fui sorrateiro ao quintal, apanhei uma vassoura e, calculando mais ou menos onde ele estava, ergui-a pelo cabo, acima da altura da calha. Disparou atarantado, decerto se perguntando que raios de monstro era aquele. Sorri comigo. Pena que não pude assistir a fuga por estar no chão. Apelidei-o de “Gordo”.

Por falar em nome, finalmente, soubemos — através da Renata, creio, mas não tenho certeza — que a gatinha se chamava Mel. Pensei que fosse pelo fato dela ser muito meiga. Mais tarde, conclui que devia ser devido ao seu miado, o qual soava menos como um “miau” e mais como “mel”.

Mel! Mel! Mel! É meu sotaque, não sabia?

Um dia, a doçura da pequena Mel foi posta a prova quando um gato adulto e todo amarelado surgiu, talvez atraído pela comida dela. Prontamente, apesar da desvantagem de tamanho, ela eriçou os pelos, arqueou o corpo e pôs-se a rosnar para ele, não querendo saber de conversa, ainda mais no território que, agora, julgava ser seu. Tive de espantar o “Amarelão” antes que ambos partissem para as vias de fato. A danadinha, apesar do aspecto frágil, era valente. Tinha de ser a fim de enfrentar as agruras do mundo. Para distrai-la, apanhei uma meia velha, fiz uma espécie de bola e amarrei com barbante no galho de um arbusto do quintal da frente. Balancei perto dela. Prontamente, entendeu o brinquedo e passou a “caçá-lo”, agarrando-a em suas garras afiadas. Com o tempo, habituou-se a descansar aos pés do arbusto.

Minha esposa, tendo menos afinidade por gatos do que eu, ficava um tanto na defensiva. Sentia pena, comprava ração, fazia cafuné, mas não queria saber da Mel dentro de casa. Todavia, a Mel tinha seus próprios planos...

Certo dia, descobriu como chegar até o quintal do fundo.

Não sei porque cargas d’água, as portas e as janelas da casa eram inteiramente de vidro – à exceção da porta da sala, de madeira. Então, num belo dia, lá estava a Mel no fundo de casa, do outro lado da porta da cozinha, miando e olhando para dentro daquele jeito esbugalhado, digo, hipnótico.

Meeel!... Meeel!... Meeel!... (Droga, será que preciso desenhar?)

Descoberto o caminho da roça, dali em diante, não tivemos escapatória: se ela não nos encontrava na frente, ia para o fundo miar por comida.

Foi um alívio não ter de fazer o desenho... Ufa!

Ficamos sitiados!

Coloquei um tapetinho marrom sob o sol. Ela entendeu e, logo, deitou-se para se aquecer.

Um dia, ela atravessou a soleira entre a garagem e a sala.

— Ah, não senhora!

Minha esposa não quis saber, assim, convidei a gatinha a se retirar.

Nos dias seguintes, contudo, a Mel insistiu. (Culpa dela!) Aos poucos, entrou mais um tiquinho, um passinho aqui, outro ali, até que um dia alcançou a sala.

Minha amada esposa me fuzilou um olhar de quem acusava: “Você é cúmplice!”. A Mel avançou e avançou. (Repito: culpa dela!) Por fim, a resistência foi quebrada.

Cúmplice! Cúmplice! Cúmplice!

Quando caímos na real, a donzela desfilava a sua graciosidade pela sala, cozinha, quartos e banheiros, examinando tudo minuciosa e curiosamente. Fascinava-se especialmente pelos cantinhos escuros, quase inacessíveis ou inacessíveis de fato: embaixo do sofá, da cama, do armário de cozinha ou atrás do *rack*. Era como se ouvisse algum bichinho ou procurasse algum tesouro oculto.

Coloquei um colchãozinho preto com estampas brancas de patinhas no quarto do fundo. Foi lá que improvisei um escritório e era onde eu digitava meus contos. Participava de antologias e usava a escrita como forma de ocupar a mente face à pandemia. A princípio, a Mel se ajeitou sobre o colchão e ficou agachada sobre as quatro patinhas, um olho meio aberto e outro fechado. Pouco a pouco, a tensão diminuiu até chegar o dia em que, para privilégio nosso, adormeceu completamente à vontade e confiante, ora enrolando-se numa bolinha de pelos, cobrindo sua carinha com as patinhas, ora toda largada de barriguinha para cima. Foram momentos mágicos. Demonstraram o quanto ela passou a se sentir tranquila, confiante, amada e segura conosco.

Também gostei muito! Fazia falta de um lugarzinho macio, quente e protegido.

Além de minha escrivaninha, cadeira e um roupeiro, havia uma cama de solteiro onde eu costumava esticar o corpo. Numa dessas esticadas, a Mel concluiu ser uma boa ideia largar o colchãozinho, subir na cama e esticar seu lindo corpinho também.

Claro! Parecia tão bom...

Breve, a danadinha se acomodava sobre um cobertor dobrado próximo à pezeira e pedia para que eu me deitasse para, assim, adormecer entre minhas pernas ou subir em mim. Eu receava dormir e acabar chutando a Mel sem querer, mas era delicioso acariciá-la e sentir como se ela fosse parte da família.

Colchão mais fofo e quentinho eu nunca poderia encontrar!

Quando enjoava, miava de madrugada, pedindo para sair e passear ao ar livre, depois, retornava — ainda de madrugada — e miava pedindo para entrar ou fazer uma boquinha.

Ora, a corrente para tocar o sininho ficava fora de meu alcance.

A Mel apreciava ser acariciada no alto da cabeça, atrás e no papinho. A cauda cinzenta se movia feito serpente como se tivesse vontade própria e era zona proibida. Às vezes, agarrava a minha mão, mordida e arranhava, mas sem hostilidade. Era uma advertência para eu não mexer numa determinada parte do seu corpo, a exemplo das patas traseiras ou a parte inferior das costas. Classifiquei o gesto como “um amor que arranha”.

De vez em quando, a Mel adormecia no sofá da sala. Brincando, eu falava que ela queria assistir ao Manda-Chuva, Frajola ou Plic-ploc e Chuvisco.

Meus heróis!

Mas não deveria se alojar no canto junto à parede, o predileto de minha esposa. Para quem não deveria sequer entrar em casa, a Melzinha conseguira ir bastante longe. Assim, compreendeu de imediato e respeitou aquele lugar. Era bastante inteligente!

Meio a contragosto, fiz essa concessão à Mamãe Márcia... rs...

Por mais encantado que eu estava por ela, fato era que sua rotina boêmia deixava o meu sono — já prejudicado por uma antiga insônia — em frangalhos.

Outra característica sua era a de soltar bastante pelo. Esfregava-se nas nossas pernas, na mobília, nos batentes, em tudo. Era como se assinalasse: “É meu, é meu, é meu...”

Como assim, “era como”?

Bastava uma varrida no piso para revelar os chumacinhos.

Ela caminhava bem junto a nós. Tínhamos que tomar cuidado para não tropeçar em seu corpo e cair; ou pisar em uma de suas patinhas, o que, um dia chegou a ocorrer.

Ah, eu me lembro. Doeu!

Afeiçoamo-nos a ela. Lamentávamos a sua situação e maldizíamos a negligência de seus tutores. Prevíamos o dia em que nos mudaríamos dali, de volta a Itanhaém, preocupando-nos com o seu futuro. Relutávamos em pensar no momento da despedida, sobre o que sentiríamos, sobre como ela ficaria. Como várias pessoas a conheciam, esperávamos que alguém — talvez a Renata — prosseguisse a alimentá-la. Quanto a um cantinho onde pudesse dormir, era outra história, pois, conforme mencionei, essa vizinha, não obstante a bondade, a generosidade e a boa vontade, cuidava de seus próprios filhos peludos.

Não estou gostando do rumo dessa prosa!

Não poderíamos levar a Mel conosco pois, em tese, ela possuía donos. Não fomos até a casa deles porque, desde o início, formamos uma imagem negativa por não darem os devidos cuidados à Melzinha. Ademais, creio que a obrigação era deles de virem até nós. Certamente, pelo boca-a-boca, tinham ciência de que cuidávamos dela. Todavia, ainda que pudéssemos levá-la, não teria jeito: nós tínhamos o Lobo, um pastor alemão, que aguardava o nosso regresso. Ele vinha sendo cuidado por um adestrador nesse período que, originalmente, deveria ter sido curto. Na hipótese de que não o tivéssemos, ainda assim, a Mel continuaria melhor e mais segura no interior do condomínio. Ela já conhecia os arredores e as pessoas que simpatizavam consigo. Em Itanhaém, estaria numa cidade estranha onde poderia se perder, ser atropelada, ser atacada por cães, tomar choque na cerca elétrica de alguma casa ou sabia-se lá mais o quê. Vez ou outra, minha esposa referia-se a Mel como sendo um espírito livre no sentido de que não se conformaria em permanecer apenas nas dependências de casa.

Não tô gostando dessa prosaaa! Quer que eu chore, judiã!

Eu bem podia imaginar manifestações carregadas de hipocrisia:

- 1) Na hipótese de que levássemos a Mel, diriam que roubamos o gato dos vizinhos;
- 2) Na hipótese de deixarmos para trás, diriam o quanto fôramos cruéis por abandoná-la.

Fosse como fosse, a Melzinha contribuiu muito para mudar nossos conceitos sobre felinos, principalmente no caso de minha esposa, a ponto dela não querer nem imaginar quando fôssemos embora.

Chegamos a compreender os miados da Mel.

Um miado longo era sinal de que estava com fome.

Meeeee!

PARTE II

Quando queria entrar em casa, emitia uns miadinhos curtos, chorosos e suplicantes. Coisa de "aborrecente", pois tratava-se de um chorinho sem lágrimas.

Mel... Mel... Mel...

Se a porta estava aberta, seu miado era diferente, mais "normal", como um "alô" ou um "dá licença". E entrava sem cerimônia.

Mel! Tudo bem por aí, véio?

Quando queria sair, caminhava até a porta da sala, sentava-se e mantinha o olhar fixo na porta.

Quando queria dormir, sentava-se do mesmo jeito perto de mim, olhava-me fixamente e emitia um miado curto: "Mel!". Então, eu precisava me deitar primeiro para ela se enfiar no meio das minhas pernas em seguida e acomodar-se. Felizmente, isso foi diminuindo um pouco e ela foi se acomodando por conta própria.

De vez em quando, seu miado soava como "uéun" ou "unhéun". Nessas ocasiões, observava a gente, esperando que compreendêssemos gatonês e atendêssemos ao seu pedido.

Qual a dificuldade... Unhéun?

Era um saquinho sem fundo: durante a madrugada chegava a comer três vezes. De vez em quando eu a chamava de "come-e-dorme". Acordava, comia, ia passear, voltava, comia mais um pouco e saía a passear novamente, voltava, comia e dormia... Comia ração granulada junto com a ração *Whiskas*, sabor carne, frango ou atum. Depois, estacionava diante da porta de madeira. Sonado, eu abria uma fresta. Ela olhava, examinava a rua às escuras, pensava e pensava, demorava a decidir se sairia ou não. Às vezes, decidia não sair e dava meia-volta. Às vezes a minha paciência se esgotava e eu, gentilmente, aplicava o incentivo que faltava na forma de um empurrãozinho com o pé.

Não vai pensando que eu não percebia!

Outras vezes, ficava junto a mim. Eu tentava adivinhar a sua vontade: comer, sair de casa, dormir.

"Compre batom... Compre batom..."¹

Conversava com ela, punha-me de pé e observava para onde ela me conduzia. Se andava até a cozinha, era comida. Se se dirigia à porta da sala, queria sair. Pouco a pouco, foi me adestrando...

Humanos são meio lerdinhos, mas, com o tempo, chegam lá...

Certa manhã, a Mel trouxe um pardal. (Pardais e andorinhas costumavam fazer seus ninhos sob o telhado.) Eu não tinha reparado no início, sonado que estava, contudo, ela insistiu que fosse seguida. Obedeci e encontrei seu "presente". Fiquei apiedado do pássaro, todavia, não fiz desfeita à Mel. Quando pude, peguei o pássaro morto e deixei-o num canto do quintal.

Como é que é? Depois do trabalhão que eu tive em fazer a surpresa!

Seus ouvidos eram apuradíssimos. As orelhas viviam inquietas, movimentando-se de forma independente uma da outra. Em outra ocasião, algo chamou-lhe a atenção sem sabermos o quê. Voltou seu olhar penetrante para um ponto perto da cozinha; depois, saltou até lá. Foi quando uma barata surgiu. Mel não chegou a matá-la porque eu joguei inseticida, mas tornou-se a heroína de minha esposa... Minha também!

Quando estava fora, tirava cochilos em cima do carro, comportamento que presenciemos em outros gatos numa casa da mesma rua, mais acima da nossa, quase na esquina oposta a da casa da Renata. O capô e o pára-brisa acabavam cheio de marcas de patinhas.

¹ *Slogan* de um chocolate em forma de batom, produzido pela *Garoto*, popular nos anos 90.

No quintal da frente ou na rampa da garagem, Mel acomodava-se sobre as patas traseiras, ficava cuidando da higiene pessoal ou admirando a paisagem. Eu gostava de ir até lá e fazer-lhe cafuné. Porém, se ela se sentia farta ou buscava privacidade, levantava-se, ia um pouco adiante e tornava a se sentar. Se eu insistia, ela repetia o movimento, indo mais para a frente. Só faltava me dizer: "Preciso desenhar?"

Pois é...

Melzinha virou meio que filha postiça nossa e era comum nos referirmos a ela dessa maneira e a nós como pais. Apesar do curto intervalo de tempo, fazia parte de nossa história, assim como se tornaria parte de nossas memórias. Alguns dos diminutivos carinhosos que eu usava para dirigir-me a ela: lindinha, princesinha, amorzinho, paixãozinha.

Verdade. O danado sabia agradecer, embora eu procurasse manter a minha dignidade.

Por fim, chegou a época da mudança e a alteração na rotina não passou despercebida por ela. A movimentação. As caixas de papelão. Os empacotamentos. Por se assustar facilmente com barulhos, os estouros de um plástico-bolha fizeram-na fugir em disparada.

Na véspera do dia a mudança, anotei:

(26.11.2021) O caminhão de mudança do Elias ("Mudanças Pinheiro") já levou nossas coisas e deverá entregar em Itanhaém amanhã, onde o Sr. Muniz e a D. Cleide receberão. Iremos para casa amanhã. Neste momento (16h43min), a Mel está deitada no sofá (que é daqui). Estava dormindo com a cabeça deitada para trás e o pescoço exposto. Até vi suas patinhas da frente estremecerem, o que deduzi que estivesse sonhando. Quem sabe, sonhando que tinha um lar no qual era muito amada... Será que desconfia que amanhã cedo iremos embora? Preocupamo-nos sobre como ficará. Espero que bem e que seu sonho — se for o que presumi — se concretize.

Sr. Muniz e D. Cleide eram um casal amigo e bastante prestativo. Olharam nossa casa em nossa ausência. Somos muito agradecidos.

Quanto a minha sogra, fez os exames e se encontrava relativamente bem para alguém de sua idade. Se bobear, a gente vai e ela fica!

Recordo-me da última vez que vi a Mel.

Era de manhã.

Conforme era costume seu, saiu de casa e foi se sentar na garagem, mirando a rua e o amanhecer através de seus perscrutadores olhos verdes. Fotografei-a, então, como de resto, tirara dezenas de fotos da danadinha e gravara vários vídeos a fim de guardar de recordação.

Não a vimos quando partimos em 27.11.2021. Creio que foi melhor. Fiquei torcendo para que o seu jeito felino de ser em não demonstrar muito apego refletisse a verdade em seu coração e ela se adaptasse rapidamente a um outro estilo de vida, longe de nós. Porque foi muito doloroso sentir o que sentimos a medida em que o carro deixou a casa, a rua e o condomínio para trás.

Preciso confessar um segredo: posso me fazer de durona, mas não sou. Do meu esconderijo, eu vi quando o caminhão de mudança — que, de resto, apavorou-me — e, depois, o carro, foram embora. Meus olhos piscaram e o vazio tomou conta de mim, como vazio percebi a casa que me abrigou, me aqueceu e onde fui querida. Vocês não viram, Papai Roberto e Mamãe Márcia, mas, do meu jeitinho, eu acenei adeus.

Sentimos bastante falta da molequinha. Como dizia a música de Chico Buarque, *Teresinha*, a Mel chegou sorrateira e antes que disséssemos não... Ela soube se instalar em nossos corações. Espero que esteja bem, que continue a receber carinho, que possua outras fontes onde se alimentar e um bom cantinho para dormir. A Melzinha soltava um montão de pelos, arranhava, às vezes era temperamental, era toda medrosa e não fazia questão de demonstrar afeição — ou fazia ao modo felino, não tão evidente quanto um cachorro —, mas soube nos cativar. Precisaria ir ao veterinário para um exame, ser castrada. Seu olho direito costumava soltar remela a qual escorria face abaixo. Ignorávamos se tomara vacina e, do jeito que comia, podia até ser que tivesse verme. Preocupamo-nos.

Márcia, minha esposa, mantém um contato esporádico via *whatsapp* com a Renata. De vez em quando, ela nos envia notícias e fotos da Mel. A saudade aperta. A queridinha está bem, a moda dela.

Em recente mensagem, em 31.05.2022, a Renata contou:

Bom dia Márcia, tudo bem e vcs?

A Mel tá bem, vem todos os dias de manhã e fim de tarde.

Nesses dias mais frios fico preocupada, mas acho que tem algum lugar que ela se abriga, eu coloquei uma caixa de papelão com panos, mas ela não fica, na minha varanda também tem uma casinha de cachorro com colchão, já tentei colocar ela lá a noite, que de dia meus bichos ficam soltos e ela poderia dormir ali a noite, mas ela não fica.

Ontem choveu bastante e ela veio hoje cedo e não estava molhada então ela tem algum lugar pra se abrigar.

Agradecemos à Renata por sua compaixão e dedicação para com a filha peluda.

Espero que o sonho da Mel — que, em verdade, é o nosso — venha a se realizar, e ela encontre uma família de verdade que ame e seja amada. É um doce de criatura e faz por merecer.

Vocês, por algum tempo, foram minha Mamãe e Papai postiços. Eu agradeço. Finjo-me de insensível e sigo adiante. Mas a lembrança e o carinho existem, bem como a saudade que bate no fundo de meu coração dolorido. Procuro ser forte, mostrar-me bem para a adotiva Mamãe Renata. Sei que ela é atenciosa, amorosa e gosta de mim. Deixa a minha barriguinha cheia e percebo que queria me ter no colo. Sou grata pela caixinha de papelão e o paninho diante de sua casa. Porém, farejo seus filhos legítimos e isso me intimida. Bem que eu gostaria de uma maior aproximação, pois é uma pessoa afetuosa.

Papai tem razão: possui um cantinho secreto para dormir. Não é tão quentinho e macio quanto a pancinha dele, mas tem servido, apesar de eu sofrer um tiquinho nos dias mais sombrios.

Vou levando um dia de cada vez..

Sigo a vida adiante em minha contida atuação.

Quem sabe, algum dia, meu sonho de ter um lar se realize...

NOTA DO AUTOR:

Meu agradecimento à Renata pela permissão em reproduzir a sua mensagem e pelos cuidados com a Mel. O texto também foi um pretexto para lembrar a Daniquinha — a sua maneira, uma afetuosa Mel humana cuja memória conservamos com carinho —, homenagear o Sr. Muniz e a D. Cleide pelas pessoas extraordinárias que são e "eternizar" o Elias e a Mudanças Pinheiro os quais nos prestaram um ótimo serviço em várias ocasiões.





APRESENTAMOS O CONTO

MEU MIADO INTERIOR

POR SUELI KELLEN FUJIMOTO GIROTTTO

SOBRE A AUTORA: NASCEU EM 15 DE MAIO DE 1979, DESCENDENTE DE JAPONESES, NASCEU EM ITAQUERA ZONA LESTE DA CAPITAL DE SÃO PAULO.

SEMPRE BUSCOU COMPREENDER O MUNDO AO SEU REDOR NUMA PERSPECTIVA DIFERENTE E POR ESSE MOTIVO RESOLVEU ESTUDAR LETRAS PARA QUE SE TORNASSE PROFESSORA E PUDESSE PASSAR ESSA VISÃO AOS ESTUDANTES.



Eu nasci de uma ninhada de 4 gatinhos, minha mãe era toda branca e enquanto meu pai, diziam que era marrom e branco, acho que por isso que tenho essa cor branca, marrom claro e marrom mais escuro, também tinha algo peculiar em mim, eu percebi que meu rabo não era como dos outros, era curtinho e dobrado.

Aos poucos fui descobrindo uma humana e sua casa que era bem pequena, mas eu me sentia muito segura. Percebi que a vida era mamar, brincar de morder com meus irmãos, e dormir numa caminha bem quentinha com todo mundo.

Todos os dias era uma descoberta, os sons, cheiros e brincadeiras, minha mãe às vezes não tinha paciência e deixava a gente sozinho um tempo, mas ela sempre voltava e eu tinha muita fome e tinha que dividir o espaço com outros irmãos, muitas vezes eles eram tão fortes e brutos que eu ficava de lado e eu deixava eles se alimentarem primeiro.

O tempo passou... E percebi que um dos meus irmãos não estava mais lá, será que existia um lugar que eu não conhecia? Andei por alguns espaços que eu podia andar e chamei, mas eu nunca mais o vi... Pouco tempo depois, ouvi passos estranhos e eram humanos diferentes que pegaram todos meus irmãos, inclusive eu, pareciam estar escolhendo qual de nós iria embora, então escolheram meu outro irmão. E vi que era apenas eu e meu outro irmão...

Não passou muito tempo... e apareceram outros humanos para pegarem na gente, dessa vez eu fui e saia daquela casa com muita saudade da minha mãe e do meu irmão... no colo do humano eu olhava para trás e tive um sentimento de saudade e ao mesmo tempo de curiosidade por o que estava me esperando, aqueles seres diferentes, aquelas cores, aqueles cheiros, tudo tão novo, estava sentindo algo diferente...

Chegando na casa desse novo humano, haviam muitos outros, num mesmo lugar, vi outros humanos e humanos pequenos, todos vieram me pegar e me deixaram dentro de um espaço muito pequeno, havia muito barulho que eles faziam, humanos pequenos queriam me pegar toda hora, me apertavam muito e eu chorava, quando iam dormir me deixavam sozinha num lugar bem apertado que tinham muitas roupas penduradas, numa caixinha com um cobertor, e tinha muita saudade da minha mãe, meus irmãos. No entanto, isso durou 2 dias, pois de repente, vi o humano trazer meu irmão, sim aquele que havia sido adotado no mesmo tempo que eu:

— Oi! que saudades! hum... que cheiro estranho é esse? Onde você estava irmão?

— Estava com 3 humanos, até que eles eram legais, mas não vou negar que senti sua falta e da mamãe! Não sei como vim parar aqui, não entendi muito bem, parece que me querem aqui e você lá...

— Nossa, que estranho! Acho que você vai ficar aqui comigo, assim não fico tão triste...

— Você está muito triste aqui? O que fizeram?

— Fizeram...

Não pude terminar a frase e me levaram para outra casa que meu irmão estava, depois disso, nunca mais o vi.

Cheguei numa grande casa, havia uma humana, um humano e sua humana criança e ficaram muito felizes de me ver me deram muito carinho, a casa desses humanos era bem diferente, com muito espaço para eu explorar, tinha parte de baixo e de cima, tinha plantas, flores, e um outro animal que não era um gato, fiquei muito assustada, era bem maior que eu, até estranhei e gritei com esse animal peludo, mas percebi que era uma menina, como eu, logo ficamos amigas, mas mesmo assim, tinha saudades dos meus irmãos e minha mãe, principalmente de mamar, por mais que me dessem comida e uma cama só para mim eu tinha saudade é da minha mãe, porém analisando a peluda como nomeei, acho que ela tinha tido filhotes também, mas todos foram embora e ela mantinha um bonequinho que fazia de filho, ficava lambendo e agarrando, cheguei perto dela e tentava compreender sua dor, mas não entendia o que ela falava, mas eu tentava passar para ela a minha dor, aos poucos houve uma grande aproximação e quando percebi ela tinha me adotado como sua filha, ela estava dando leite e deixava eu mamar nela, era como minha nova mãe, eu lambia minha nova mamãe como sinal de carinho e ela me lambia.

Apesar de não estar com minha mãe, eu estava muito feliz naquele lugar, três humanos que gostavam muito de mim e um grande espaço para eu brincar, aprendi muitas coisas e apesar de não entender direito o que falavam, eu sabia que me chamavam de Jade, quando falavam isso era para eu aparecer, para comida ou um carinho, então com certeza eu aparecia. Nunca fui de falar muito e ainda fiquei com traumas da antiga casa, sei que foram apenas dois dias, mas qualquer barulho mais intenso eu ficava em alerta.

O tempo foi passando e eu não pensava tanto na minha mãe e nos meus irmãos. Também aos poucos fui largando de mamar eu percebi que tinha ganhado mais comprimento e firmeza, eu podia pular alto, tão alto que eu olhava a rua da janela fechada e tinha vontade de sair, a rua parecia muito convidativa, apesar de nunca ter saído antes, a noite eu via vários gatos muito bonitos e eu queria encontrar um amor, não um amor humano, mas um

amor felino, tinha dó de deixar meus humanos que tanto deram amor, mas eu sabia que tinha algo lá fora que me esperava, e um dia um gato maravilhoso me chamou e me enfeitiçou com seu olhar. Mas não conseguia sair, até que um dia a humana tentou me colocar numa casinha e dizia que era hora de ir para um lugar chamado veterinário, mas bem naquele momento consegui fugir. Os humanos gritavam pelo meu nome, mas corri tão rápido, tão rápido que nem viram onde escondi.

Pensava então numa vida sem dever nada para os humanos, seria esta a minha jornada? Estava em busca do meu miado interior, era uma vida que poderia entrar nas casas de qualquer um e todos dariam comida, ou roubar comida das casas, entrar numa vida de aventuras. Vários cheiros, cores e sabores, cada dia um amigo felino diferente!

E já era noitinha, resolvi sair com os gatos que sempre via da janela, mas a noite é um tanto perigosa, haviam outros gatos e outros seres peludos como minha amiga da casa da humana, no caso tínhamos que correr muito deles! Dormi com meus amigos gatos na noite e foi maravilhoso, ao luar, com as estrelas, havia pegado no sono profundo, mas de repente quando acordei, todos haviam sumido de manhã e chamei várias vezes, mas nem sinal deles, então fiquei chorando. Estava com muita fome e comia tudo que via pela frente, alguns humanos queriam me dar comida e queriam me pegar, mas não eram como a humana que me deu amor, então eu comia e fugia... Refleti muito e cheguei a conclusão que nada era melhor que meu lar, então corri muito para a minha casa, estava cansada, exausta, tinha medo de não me quererem mais, eu estava horrível, cheia de barro! Talvez, por meu erro não teria o amor dos humanos de volta, afinal esse erro teria perdão? O caminho de volta realmente existiria?

Era ainda madrugada quando tomei coragem e subi na cama da humana, e desconfiada pensei que ela iria me bater, mas pelo contrário, ela me abraçou tanto e acordou todos da casa, fez maior festa e eu sabia que tinha sido perdoada pelos meus erros, e percebi nas minhas andanças que meu erro pode ser algo comum na vida de outro, mas quando obtive conhecimento o que era comum se tornou um caminho de espinhos e ao mesmo tempo uma evolução na minha vida.

Não tinha cicatrizes como outros gatos para eu ter como recordar das minhas aventuras, mas aconteceu algo que mudaria minha vida para sempre, fiquei prenha e minha humana percebeu, pois minha barriga cresceu muito e eu sentia meus filhotes mexerem lá dentro e sentia uma fome enorme, meu corpo não era mais o mesmo, meus movimentos também

não, estava muito pesada e às vezes tinha dores, fui para um hospital de gatos e cachorros e a doutora me receitou vitaminas.

Apesar de estar muito sensível, minha humana fazia tudo ficar mais calmo, ela era uma humana diferente, colocava uns palitinhos compridos com cheiros diferentes, outro palito com fogo, um copo de água e em toda casa haviam vários tipos de pedras, aquilo me fazia sentir bem, às vezes ela colocava um objeto de fumaça cheirosa, e o ambiente ficava harmonioso, eu passava a maior parte do tempo na minha caminha e quando ela dormia na cama dela eu ficava com ela. Havia muito amor e carinho, às vezes os humanos saiam, mas a casa ficava numa paz muito grande, o sol adentrava o local pela janela e eu sentia toda vibração positiva, e eu sabia que meus filhotes estavam perto de chegar...

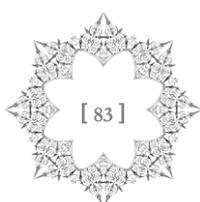
Foi numa tarde, quando estava sozinha, senti contrações fortes, e não tinha ninguém para me ajudar e fui por instinto que fiz força e dei a luz ao primeiro filhote, ele estava com saco de pele em volta dele, então resolvi tirar comendo esta pele, de repente ouvi um barulho e era a humana menor que havia chegado, estava espantada e acho que pegou num objeto para chamar a humana mãe, a menina ficou do meu lado espantada, sem saber o que fazer, saiu de perto, eu ainda sentia as contrações e já estava dando a luz a outro filhotinho, a humana chegou bem a tempo de me ajudar, pegou um pano me limpou e limpou o filhote, eu só conseguia pensar na dor e na força que eu fazia, a humana tentava me ajudar, saiu outro filhote e ela com cuidado foi tirando a pele que estava em volta dele, já eram 3, mas vinha outro, e ela se admirou quando chegou o quinto, me apertou a barriga e achou que não tinha mais filhotes, mas eu ainda sentia dores e contrações, ela me ajudou a empurrar e veio o último, menorzinho.

No total 6 filhotinhos, sendo 4 meninos e 2 meninas, nossa como eu faria para cuidar deles todos, estava mesmo perdida, mas o amor dos humanos me ajudou muito, apesar que aprendi que a mãe é responsável pela maioria das coisas. Eles mamavam e quase não tinha peitos, depois eu lambia seus dejetos. Não tinha tempo para mim, às vezes nem ia para o banheiro, mas meus filhos eram símbolo de uma nova jornada, de uma nova vida e de um novo significado, eu sabia que a partir daí, meu caminho seguiria outro rumo e eu não mais faria errado, que o perdão existe, para quem quer ouvir seu coração, para quem não tem medo da verdade e para quem quer ouvir a verdade.

Ser mãe era algo divino e os humanos gostavam muito dos meus filhotes, conversavam com eles, aliás falavam de um jeito tão fininho que às vezes doía meus ouvidos! Eles cantavam, brincavam com eles e eles me davam muito trabalho mesmo, por isso eu ficava

até aliviada quando eles ficavam distraídos com alguma coisa, mesmo assim eles tinham muita fome e até um deles ficava sem mamar, mas a humana era inteligente, me tirava de lá para outro lugar para dar apenas de mamar para aquele que era mais fraquinho.

O tempo passou, os meus filhotinhos cresciam cada vez mais, e quanto mais cresciam mais exigiam de mim, meu instinto dizia que em breve eles teriam seu próprio caminho... então ensinei tudo a eles, a se limpar, usar o “banheirinho”, dar carinho para seus humanos, realmente eles estavam aprendendo e começaram até a comer a mesma coisa que eu. De repente eu ouvi passos estranhos, um casal de humanos que nunca tinha visto, pegaram um dos filhotes e me lembro dessa cena comigo mesma, talvez esse era o ciclo, fazer feliz outros humanos... E aos poucos vi eles indo embora, um a um, vi no olhar deles o meu mesmo olhar, mas vi grandes sorrisos e olhos brilhantes, talvez tenha os feito para novas jornadas, aprendizados e talvez refletir como a minha busca do meu miado interior.





APRESENTAMOS O CONTO

BACALHAU

POR SUELI KELLEN FUJIMOTO GIROTTO

SOBRE A AUTORA: NASCEU EM 15 DE MAIO DE 1979, DESCENDENTE DE JAPONESES, NASCEU EM ITAQUERA ZONA LESTE DA CAPITAL DE SÃO PAULO.

SEMPRE BUSCOU COMPREENDER O MUNDO AO SEU REDOR NUMA PERSPECTIVA DIFERENTE E POR ESSE MOTIVO RESOLVEU ESTUDAR LETRAS PARA QUE SE TORNASSE PROFESSORA E PUDESSE PASSAR ESSA VISÃO AOS ESTUDANTES.



Eu nasci de dentro de uma caixa bem escura, porém bem quentinha, eu fui o primeiro de uma ninhada de 6 gatinhos, na verdade eu sempre fui muito competitivo e queria sempre sair a frente, eu sempre sabia o que estava acontecendo e desde novinho meus sentidos foram muito aguçados.

Até na hora de mamar queria ser o primeiro, então mesmo com a cabeça balançando e meu corpo molinho, minha vontade era maior do que meu físico, então eu sempre conseguia os melhores lugares! Depois disso, eu observava meus irmãozinhos, eles eram diferentes de mim, na verdade eu acho que eu era o mais bonito de lá, eu tinha um irmão que era todo listradinho e chamaram de “Tigrinho”, outro quase não tinha rabo e chamaram de “Cotoco”, minha irmã era linda e toda peluda e chamaram de “Pandora”, também tinha uma irmã que nasceu por último e chamaram de “Princesa” e por último meu irmão com bigodinho e bem gordinho que chamaram de Bigordis. Mas peraí! E eu? Ainda não tinha nome, como pode? Eu era o primeiro! Tinha que ter o nome primeiro que todo mundo, então quando mamãe ensinou a usar o “banheirinho”, eu disse pra mim mesmo que ia chamar atenção de todos, então desobedeci a mamãe e fiz xixi no canto do sofá. Quando a humana me viu ficou muito zangada e falou brava comigo dizendo um monte de coisas e só sei que fiz xixi várias vezes fora da caixinha, e não é que deu certo? Vou contar que a humana torceu o nariz cheirando o meu xixi e me chamou de Bacalhau! Não entendi muito bem, mas foi daí que veio meu estranho nome.

Um certo dia apareceu um casal de humanos e deram carinho em todos nós. Mas foi estranho, que brincaram tanto com meu irmão Cotoco, que levaram ele embora. Desde esse dia, outros humanos estranhos foram aparecendo e levando sempre um dos meus irmãozinhos... Eu não queria ir não! Afinal de contas, eu tinha minha mamãe que chamavam de Jade, ela me dava comida, me limpava, eu adorava brincar com ela, mas ela não gostava muito da minha brincadeira, pois eu levava era uns tapas! Eu só mordía a cara dela e o rabo, não era tão ruim assim! E ainda eu tinha os humanos da casa que sempre brincavam comigo, e um ser peludo que chamavam de Honey.

Então... chegou o dia que sobraram só a Princesa e o Bigordis, que foram embora juntos! O tempo passou... e eu aprendi muitas coisas da organização minha e dos humanos, que eu tinha hora pra comer, dormir e usar meu "banheirinho". Também gostava de brincar com a Honey e com minha mãe, embora minha mãe nunca teve muita paciência comigo.

Estudei os horários que os humanos costumavam sair e eu enganava eles pra também sair, mas eu não saía muito longe, era só ali mesmo na frente da casa e por mais que tentassem me pegar de volta, eu corria demais!!!

Eu gostava é de estar livre, conhecer outras gatinhas, eu não queria saber do dia seguinte... e ainda adorava bater naqueles gatos machos que se aproximavam! Eu aprontava mesmo! Afinal aquele lugar era só meu!

Eu só voltava quando os humanos voltavam, e às vezes eu levava uns presentes pra filha da humana!

Teve um dia que ela ficou muito emocionada! Eu consegui pegar um passarinho e coloquei debaixo do travesseiro dela! Era pra ser surpresa! E foi mesmo! Eu só vi ela colocar a mão debaixo do travesseiro e soltar um grito tão alto que saiu pulando! Fiquei assustado com tanta emoção, que sai correndo! Daí em diante, achei melhor levar coisas mais leves como baratas e moscas!

Mas eu tinha parado com os presentes, estavam de olho em mim pra não sair! Fiquei tão furioso! Que abri a gaveta do quarto, tirei toda roupa da humana e fiz xixi lá. A humana ficou muito brava, mas não me deixou sair!

Eu tinha que ter estratégias mais drásticas, então eu combinei com a honey, para brincar na cama da humana. Eu fiz xixi, levei uma azeitona, pra ela saber que também subi e chamei minha mãe pra ver, então ela soltou um vômito em cima de tudo! E estava completo meu plano!

Quando a humana chegou! Ela ficou brava, no entanto, depois com os outros 2 humanos que chegaram ficaram rindo do que fizemos! E acho que acharam divertido, na minha opinião era uma obra de arte!

Não sei se foi vingança da humana, depois de tudo isso, me levaram para o humano de branco e ali não lembrei de mais nada! Quando acordei, tinha algo estranho lá nas minhas partes íntimas! Mas eu que não ia ficar com aquilo não! Então eu arranquei tudo e comi pra que não tivessem a chance de fazer de novo!

Mas quando a humana viu, que eu estava no último fio, me levou pro humano de branco, que colocou um cone na cabeça e colocou uns fios de novo nas minhas partes íntimas! Quem são vocês para mandarem em mim? Eu consegui de novo! Afinal sou escapista nato! Comi todos os fios mesmo com cone! Quem diria! Ninguém é páreo para mim! Super Bacalhau! E novamente estava eu no humano de branco! Mas acho que desistiram! Pois não fizeram mais nada!

Mas mesmo assim, achavam que eu não ia querer sair, eu queria sair sim! Eu tinha que ter outra estratégia, então... eis que surge a oportunidade, os humanos decidiram fazer umas coisas diferentes na casa e foi a hora que aproveitei de novo pra sair!!! Liberdade novamente! Conhecer várias gatinhas e arrumar encrenca com a vizinhança! Eu adorava entrar na casa dos outros humanos ali pertinho, então me davam carinho, e até comida, aproveitava pra conhecer os animais deles também.

Quando eu achava que nada poderia interromper minha liberdade...

Eis que os humanos começam a inventar algo diferente. Caixa dali, caixa de lá, eu achei até engraçado e naquele dia nem quis sair...

Vi meus humanos meio tristes... e naquele dia me colocaram na caixa com grade, aí eu disse:

— Ah, não! De novo no humano de branco?

Mas por incrível que pareça, chegamos num lugar novo, cheiros diferentes e uma grande caixa que os humanos entravam...

Vi vários humanos estranhos, aquela não era minha casa. Mas chegamos num lugar estranho todo vazio e encheram com aquelas caixas que eu estava brincando... eram nossas coisas! E começaram tirar das caixas, eu, minha mãe e a Honey ficamos surpresos com o lugar que era bem menor, mas diferente, com vários cheiros.

Acho que iríamos morar lá... mas se fôssemos morar mesmo... a única coisa que me incomodou que percebi era que não tinha lugar para eu ver meus amigos da rua...

Fiquei muito desanimado! Agora tinha acabado meus planos... E olha que tentei de tudo pra escapar, mas eu só via paredes e uma sacada, até queria pular, mas era alto demais! Resolveram até colocar uma espécie de rede pra gente não tentar!

Mas eu nunca fui de ficar por baixo, e insisti minha mãe para ela descobrir, como fazia para sairmos daquele lugar...

— Vamos sair mãe!

— Sair para onde, já vi que esse é nosso novo lar! Para e agradece!

— Mas, imagina nós voltando para verdadeira casa!

— Até que eu gostaria! Mas temos que priorizar nossos humanos!

— Que priorizar o quê?

— Você está falando muita besteira, vou sair de perto de você! Você não vai me ver mais! Quero ficar sozinha!

— Já vi que não posso contar com você! Nem ligo, pode ir, ficarei aqui planejando sozinho...

Pensei tanto que fiquei cansado... e deu até tempo dos humanos chegarem...

Colocaram a comida e não vi minha mãe, os humanos chamaram várias vezes e nada da mamãe vir... será que ela me ouviu finalmente! Afinal o que era legal era ficar na rua!

Então vi a humana ficar muito preocupada! Falando naquele aparelho que fala com outra pessoa... A mamãe deve ter arranjado um super jeito...

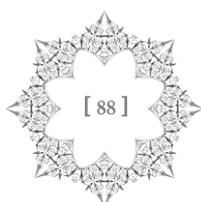
Veio até um humano estranho falando que viu várias vezes numa tal de câmera e não conseguiu ver minha mãe passar!

Chama daqui, chama de lá e nada! E eu que subestimava inteligência da minha mãe!

Como ela conseguiu sair?

Eu até fiquei com dó dos humanos, mas eis que minha humana decide tomar um banho e abre a gaveta e começa a dar risada! Eu fui lá ver o que estava acontecendo, o que era tão engraçado assim?

E lá estavam duas bolinhas brilhantes dentro da gaveta, eram os olhos da minha mãe! Então ela não fugiu nada! Estava dentro da gaveta o tempo todo!





APRESENTAMOS O CONTO

QUERIDO THOFF BRANCO

POR SUZANA PACHECO

SOBRE A AUTORA: GRADUADA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E MESTRE EM ESTUDOS COMPARADOS, CULTURAIS E INTERDISCIPLINARES EM LITERATURA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ; PROFESSORA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO PARÁ; LEITORA ÁVIDA E ESCRITORA NAS HORAS VAGAS.



Morava em uma cidade uma humilde família composta por uma mãe e quatro irmãos, o mais velho, ainda adolescente, era menino. Essa família gostava de ter sempre um cão na casa, até hoje, pois a mãe acreditava que os animais traziam boas energias e afastavam as más energias.

Por algum tempo, um cão dividiu a pequena casa de madeira de dois cômodos com a família. Era o Thoff branco. Ele era de porte médio, tinha os pelos ralos, com um tom de amarelo bem claro. Era um doce de cão. Doce por ser dócil, caseiro e estar na família há nove anos, a idade da filha mais nova. Tomava banho toda semana, era bem cuidado, na medida do possível e das condições financeiras da família, que eram poucas. Dormia no tapete, embaixo da única cama que tinha na casa, na qual dormia o filho mais velho, que era o mais comprido da família. Os demais dormiam em redes atadas pela casa. Ah! Era um lar aconchegante, não nego.

Thoff estava sempre disposto, era brincalhão como uma criança feliz. Acordava, comia, saía de casa para fazer suas necessidades e para encontrar seus amigos, os cães das casas vizinhas. Todavia, logo voltava para casa, principalmente quando os filhos estavam por lá, isto é, quando não estavam na escola. Ele era a alegria da casa, vestia até *camisa de candidato* quando fazia frio, ficava uma graça de se ver. Por que seu nome é Thoff? Não sei, nem me recordo, talvez seja o nome de algum personagem de filme antigo.

Certo dia, Thoff amanheceu adoentado. Estava quieto, não saiu para a rua, manteve-se próximo da porta e pouco comeu. Todos na casa ficaram preocupados. Afinal, o que o cãozinho tinha? Ele estava doente, mas o que seria? Não havia veterinários naquela cidade pequena do interior. Aliás, nem sequer ouviam falar onde havia um médico que cuidava de animais naquele tempo. A mãe, acostumada a ter animais em casa e acostumada a curá-los com remédios caseiros quando ficavam doentes, tratou de preparar alguns. Poderia ser verme. Quem tem cão sabe bem o que os vermes causam. Todavia, poderia ter sido algo que o cão comeu pela rua e não lhe caiu bem.

Depois de tomar o preparado, Thoff apresentou melhoras, levantou, andou um pouco pela frente da casa, mas não se afastou dali. Já de tardezinha, ficou deitado no rumo da porta, e ali permaneceu. Já era *boca da noite*, mas o cãozinho não entrou. Ele vivia entrando e saindo, porém não naquele dia.

Pouco depois do sol se pôr, desabou uma forte ventania. Era sinal de chuva violenta. E Thoff continuava deitado, não entrou. Dentro da humilde casa, todos estavam preocupados em fechar janelas, cobrir espelhos, panelas e tampar buracos no teto por onde gotejaria. E

começou a chover, primeiro de leve... e chamaram Thoff para dentro. Ele continuou deitado, olhando para os irmãos com um olhar triste, mas protetor.

— Thoff, vem! Vai chover. E ele não levantava, apenas olhava.

A mãe corre e vai buscá-lo, com uma gasta toalha na cabeça, para não se molhar com os pinguinhos de chuva. E Thoff rosou, como se não quisesse sair dali. Era como se estivesse protegendo a entrada da casa de algo que por ali poderia passar. Contudo, mesmo assim foi carregado e levado à força pela mãe. Mas quando ela estava para entrar na casa com o cãozinho nos braços, algo aterrorizante aconteceu.

Uma densa nuvem escura se aproximou e soprou forte sobre os dois. Na verdade, parecia mais uma criatura monstruosa em forma de fumaça com boca humana dando um sopro de terror em suas vítimas. Algo surreal, insólito. E a mãe parada ficou, com o cão em seus braços. Ela simplesmente havia paralisado, enquanto os filhos, na porta, gritavam:

— Vem, mãe! Mãe, vem! Traz o Thoff!

Os quatro filhos, desesperados, perceberam que algo havia acontecido e saíram para buscar a mãe e o amigo cão. Quatro metros da porta até os dois e dali até a casa pareceu uma eternidade. Ventava, relampejava, trovejava e uma forte chuva desabou. Já na casa, sentada, a mãe tremia, calada, com uma expressão assustada, e assim ficou por um instante, por uns minutos. O cão, em seu colo, choramingava baixinho. Os filhos encheram-se de preocupação ao ver a querida mãe e o cão naquele estado. Não entendiam o que estava acontecendo, não compreendiam o que haviam visto, e se de fato tinham visto o que viram. Não se perguntaram sobre a visão.

Os dois estavam atemorizados, haviam sido assombrados. Era claro, aquilo só poderia ter sido uma assombração, pensaram os filhos. Aquela aparição medonha era nitidamente uma assombração. Mas seria uma assombração da floresta ou algo mais impiedoso? Não sabemos. Nunca saberemos. Naquele lugar, era raro, mas ocorriam coisas estranhas. Estranhas por não terem explicação lógica. A verdade é que fugiam da racionalidade. Talvez fosse pelo córrego que passava atrás da casa, talvez pela mata por trás do córrego, talvez pelas lendas, pelas superstições, talvez...

A mãe voltou a si. O cachorro parou de chorar, os filhos ficaram mais calmos. Depois de diversos questionamentos dos filhos à mãe sobre o que havia ocorrido, ela achou melhor não tentar dar nenhuma explicação, já que não havia uma clara explicação para aquilo.

Naquela noite foi difícil dormir. O Thoff no tapete, o filho na cama e os demais em suas redes. Todos próximos, calados e ainda com medo. Esse sentimento se intensificava com

o barulho da forte chuva sobre as telhas, com os clarões dos relâmpagos e com os estrondos dos trovões lá fora. Alguma coisa ainda iria acontecer naquela noite?

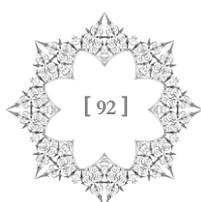
Os filhos, um a um, foram pegando no sono. O Thoff também já dormia. A mãe, como uma coruja, permanecia em alerta, vigiando a prole. Depois que a chuva passou, lá pela madrugada, foi que ela conseguiu dormir um pouco, mas cedo já estava acordada. Era costume seu levantar bem cedinho para preparar o café para os filhos antes destes irem para a escola. Percebeu que o Thoff não levantou como de costume. Achou que estivesse cansado ou piorado devido ao ocorrido na noite anterior, mas decidiu esperar mais um pouco para vê-lo.

Os filhos, logo depois, acordaram e foram então ver o cãozinho embaixo da cama.

— Thoff! E ele não respondeu, não olhou, não abanou o rabo, não levantou, nenhum sussurro. Thoff havia falecido naquela mesma noite, para a tristeza de todos. E a casa logo adquiriu um clima de luto. Só choravam e pensavam: por quê? Eu não vou tentar dar qualquer resposta aqui, minha gente. Afinal, que resposta eu daria para o fato ocorrido na noite anterior e para o seu desfecho?

Ninguém foi à escola nesse dia. Thoff foi limpo, perfumado, colocado em uma caixa de papelão forrada, com um lençol sobre o seu corpo e algumas flores cheirosas em volta da cabeça. À tarde foi seu enterro, realizado no quintal da casa mesmo. Ele se foi. Mas o que o deixou doente? O que ele sabia? O que via? De quem os protegia? São perguntas que não têm resposta certa.

Uma coisa é certa: ele sempre será lembrado, por sua bravura, por sua doçura, por ser o querido Thoff branco. Isto porque depois de uns meses adotaram um outro cãozinho, adorável. Este tinha os pelos tão negros que reluziam, logo, deram-lhe o nome de Thoff, o também protetor e saudoso Thoff preto, que tem muitas histórias a serem contadas. Mas deste eu conto depois. E sobre aquela noite, ninguém nunca mais falou.





APRESENTAMOS O POEMA

PURA ALEGRIA

POR WANDA ROP

SOBRE A AUTORA: PAULISTA, RESIDENTE EM PORTO VELHO-RO, POETISA, ANTOLOGISTA, FILÓSOFA, MAJOR DA PMRO RR, CURSANDO ÚLTIMO PERÍODO DE HISTÓRIA, PÓS-GRADUADA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, DOCÊNCIA DO ENSINO SUP/NEUROPSICOLOGIA; MAJOR PMRO, FORMADA EM SEGURANÇA PÚBLICA NA ACADEMIA DA PMBA. AUTORA DOS LIVROS “PAIXÕES E POEMAS DE UMA MULHER INTENSA” (ED. SUNNY) E “TEMPO DE AMAR” (ED. BARONESA).



Meus animais de estimação
De alegria enchem meu coração

Sapequinhas e barulhentos
Ao meu lado a todo momento

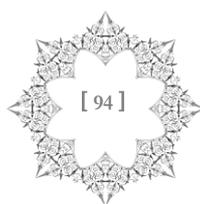
Quando chego em casa por eles sou recebida
A sensação é de muito carinho em minha vida

Latindo, correndo e brincando
Arghus e Olliver, dengosos que eu amo

Jamais maltrate um animal
Tudo neles é especial

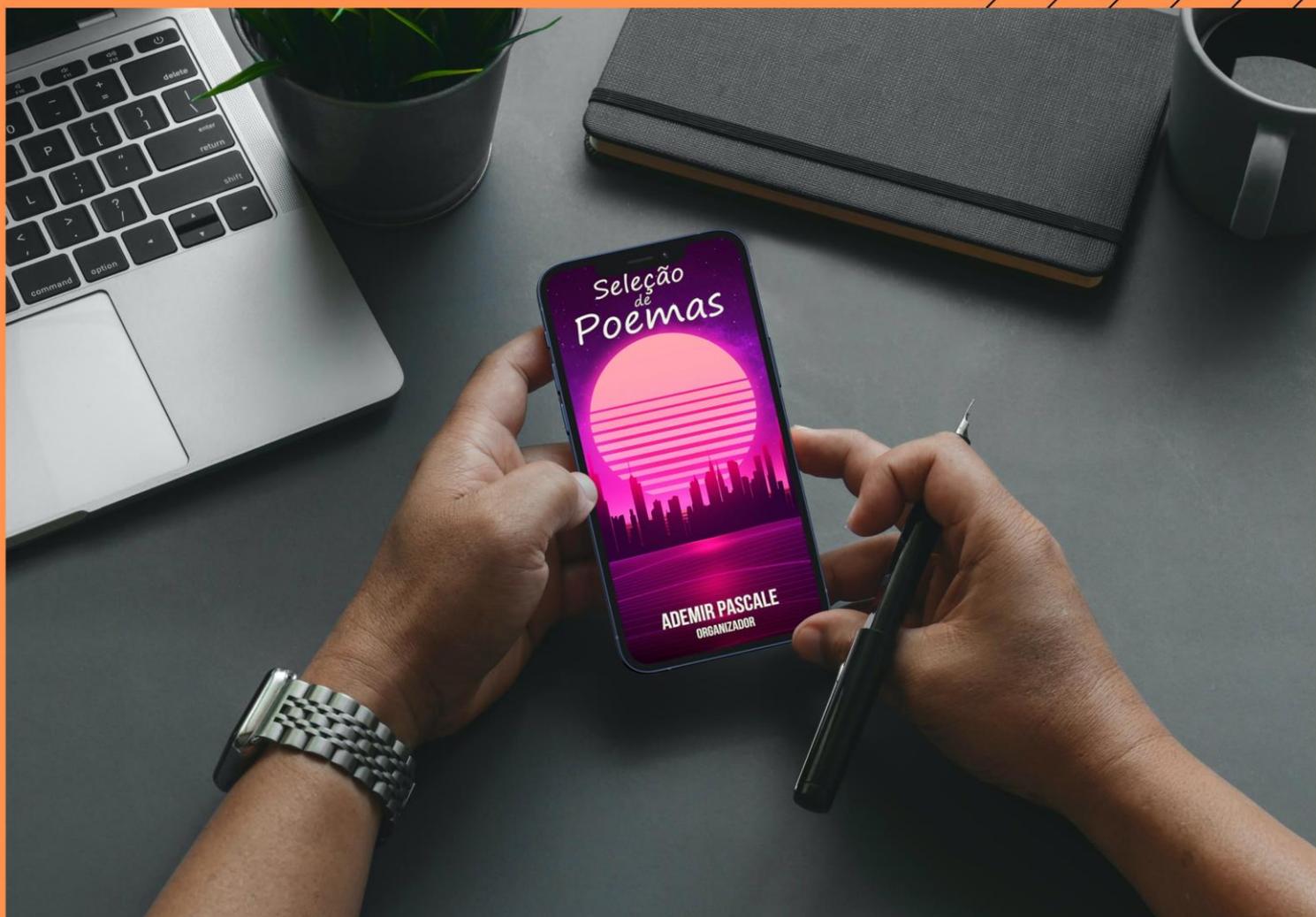
São excelentes companhias
Melhores amigos todos os dias

Protejo, cuido, amo e sinto saudades
Meus animais são aconchego e felicidade



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**